UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

UMA VISÃO DA ESPIRITUALIDADE EM EÇA DE QUEIROZ, ATRAVÉS DE TRÊS DE SUAS OBRAS (*O CRIME DO PADRE AMARO,* *O MANDARIM* E *A CIDADE E AS SERRAS*)

NARA EUNICE RODRIGUES

PORTO ALEGRE

2009

NARA EUNICE RODRIGUES

UMA VISÃO DA ESPIRITUALIDADE EM EÇA DE QUEIROZ, ATRAVÉS DE TRÊS DE SUAS OBRAS (*O CRIME DO PADRE AMARO*, *O MANDARIM* E *A CIDADE E AS SERRAS)*

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Português, pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do rio Grande do Sul

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

PORTO ALEGRE

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meu Deus pela oportunidade de aprendizado e por me ouvir nas horas mais difíceis, ao meu filho Gustavo pelo apoio, ajuda e discussões sobre o meu trabalho, ao meu marido José e a meus filhos Patrícia e Leonardo pelo apoio possibilitando que eu pudesse realizar meu trabalho, abdicando de tempo e atenção, e à minha orientadora por sua cooperação e por não desistir de mim.

São as pesadas correntes da materialidade, grilhetas do finito e do corrompível, aprisionando o que no homem há de espiritual e infinito, ansiedade louca de eterno!

(LEMOS, Antero Vieira. 1945, p. 12)

RESUMO

Na vida, nós temos quatro necessidades marcantes, quais sejam, necessidades físicas, materiais, emocionais e espirituais. As três primeiras necessidades são basicamente preenchidas, por uma questão de sobrevivência, porém da necessidade espiritual nem todas as pessoas dão conta. Este trabalho resume-se no desejo de mostrar, através de três obras do autor Eça de Queiroz, ou seja, *O Crime do Padre Amaro*, *O Mandarim* e *A Cidade e As Serras*, que ele estava cônscio dessa necessidade, ficando evidente nas obras já mencionadas. Para melhor compreensão do assunto, estabeleci a diferença entre homem carnal e espiritual, religiosidade e espiritualidade, assim como, a relação existente entre espiritualidade e sebastianismo, um mito marcante no povo português.

PALAVRAS CHAVES: espiritualidade, Eça de Queiroz, sebastianismo, religiosidade.

SUMÁRIO

Introdução 07
1. Eça de Queiroz e seu contexto 09
1.1 O Realismo 10
1.2 A Religiosidade 11
1.3 A Espiritualidade 12
1.4 Contraste entre o homem espiritual e o homem físico (carnal) 13
2. Realismo e espiritualidade em Eça de Queiroz 15
2.1 *O Crime do Padre Amaro* 15
2.2 *O Mandarim* 24
2.3 *A Cidade e as Serras* 28
2.3.1. A Metamorfose de Jacinto 37
2.3.2. À espera de Sebastião: por que os portugueses continuam à espera de D. Sebastião? …..... 46
2.3.3. O que a espiritualidade tem a ver com o Sebastianismo 49
Considerações finais 50
Referências 53

INTRODUÇÃO

Diz-se que religião não se discute. Eu acredito que existe uma verdade e, independente do que eu ou alguém possa pensar, ela é imutável. Com certeza, cada um de nós tem o seu próprio ponto de vista, de acordo com o que cada um vive, conhece, aprendeu e assim por diante. Mas para que eu possa mostrar o que eu vejo nas obras e na vida do escritor português Eça de Queiroz, necessário faz-se mostrar um pouco do que alguns consideram sobre religiosidade. Em seguida irei mostrar o que seria espiritualidade, a fim de contrapor com a religiosidade, sendo que a espiritualidade é o meu ponto principal. Defendo a ideia de que o ser humano, além das necessidades físicas, materiais e emocionais, tem necessidades espirituais. Dessa última necessidade somente os humanos tem consciência, isto é, compreender os assuntos espirituais e ter o potencial para explorá-los. O meu trabalho consiste exatamente em observar essa necessidade espiritual através das obras de Eça de Queiroz. Ele medita, pensa, reflete, busca respostas, acredita em movimentos, quer modificar as coisas e para isso usa a pena tentando mostrar o que está de errado na sociedade portuguesa. Se utiliza da ironia e do sarcasmo com a clara intenção de vingar-se contra aqueles fatores que ele considera como causadores de fazer cair no ridículo o verdadeiro sentimento religioso do homem e que são, principalmente, o fanatismo e o beatário.

Meu objetivo é analisar a espiritualidade de Eça de Queiroz. Como ele era um católico tradicional e, pelas suas obras, observa-se que ele lia a Bíblia, a mesma estará entre as referências (sendo utilizada para ajudar a esclarecer alguns conceitos correlatos, tais como religiosidade e espiritualidade, homem físico e homem carnal). Quero, também, deixar claro que a minha intenção não é a de converter ou pregar, mas mostrar como a espiritualidade é um assunto importante para ele. Acredito que esse é um tema relevante para a Universidade, assim como diversos outros temas, pois é uma maneira de interpretar uma obra, fazendo uso dos conhecimentos que adquiri durante o tempo de estudo nesta Instituição.

Eça pertencia à escola realista, portanto dedico uma parte do meu trabalho para falar sobre o realismo, bem como para diferenciá-lo do naturalismo, outra escola concomitante com essa e muito parecida, causando algumas confusões. Também estabeleço um contraste entre o homem carnal, que pensa apenas em cumprir necessidades físicas, e o homem espiritual, que tem consciência da sua espiritualidade e a manifesta na sua vida. Esta análise é baseada em três obras do autor, quais sejam, *O Crime do Padre Amaro*, *O Mandarim* e *A Cidade e as Serras*, nessa ordem. Abordo ainda o mito do Sebastianismo, tentando mostrar por que os portugueses estão à espera de Sebastião, assim como esclarecer o que a espiritualidade tem a

ver com o Sebastianismo. Finalizando, há um capítulo particular que tenta sintetizar como analisei as obras do escritor e ainda mostrar como as pessoas veem o escritor Eça de Queiroz.

1. EÇA DE QUEIROZ E SEU CONTEXTO

Com certeza, muitos já têm conhecimento a respeito da vida do escritor Eça de Queiroz, mas, para os que lerem esta monografia, e que não têm ainda esta visão, espero principalmente informar sobre aspectos da época em que escreveu as obras analisadas. José Maria Eça de Queiroz nasceu em 25 de novembro de 1845, na Póvoa de Varzim e morreu em 16 de agosto de 1900, em Paris. Em 1855 transfere-se para o Porto e vai estudar no Colégio da Lapa, dirigido por J. da Costa Ramalho, pai de Ramalho Ortigão, também seu professor, além de amigo. O filho deste exercerá grande influência sobre Eça, aproximando-o da literatura. Em 1861 matricula-se na Universidade de Coimbra, onde foi aprovado, mais tarde, no curso Jurídico. Transfere-se para Lisboa. Em 23 de outubro de 1869 vai para o Oriente, para assistir à inauguração do canal de Suez. Visita a Síria e Palestina, além do Egito. Em 1870 presta provas para cônsul e é classificado em primeiro lugar, mas sofre uma grande decepção ao ser preterido na nomeação. Ao tomar conhecimento dos motivos do porquê não foi nomeado, escreve uma carta irônica criticando a escolha do novo cônsul:

> Porque enfim – se eu não posso ser cônsul por ter feito uma conferência – se essa conferência foi a condenação do romantismo, segue-se que eu não posso ser cônsul por ter condenado o romantismo!
> Ora, realmente, eu não sabia que para ser cônsul – era necessário ser romântico! Eu não via, entre as habilitações que o programa requeria, esta: “Certidão de regedor que o concorrente recita todas as noites, ao luar, 'O Noivado do Sepulcro', do chorado Soares de Passos”. Eu não sabia disto! […] Ah! Agora vejo, infeliz realismo, que me obstruís a carreira! (GOMES, 2000, P. 10)

A carta surte o efeito desejado. É nomeado em 1872 para as Antilhas Espanholas. Parte de Cadiz para Havana a 9 de Novembro, sendo empossado em 20 de Dezembro. Viaja para os Estados Unidos e Canadá em 1873. Retorna a Lisboa em 1874, e, em 29 de novembro, é nomeado para o consulado de Newcastle-on-Tyne, tomando posse a 20 de dezembro. Em 15 de fevereiro de 1875, tem início a publicação em folhetins d'*O Crime do Padre Amaro*, estendendo-se a publicação até 15 de maio. Em abril sai o decreto de nomeação para o consulado de Bristol. Em 28 de março de 1880 promete a Ramalho um novo romance que será entregue somente oito anos após, *Os Maias*. Entrega-lhe *O Mandarim* em 18 de julho de 1880. Em 24 de abril de 1887 terá início a publicação d'*A Relíquia*, na Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro. É colocada a venda somente em junho de 1887, concorrendo ao prêmio da Academia Real das Ciências, mas não vence o concurso. Em junho de 1888 acontece a

primeira edição d'*Os Maias*, gerando polêmica, assim como "*A Relíquia*". É nomeado cônsul em Paris, tomando posse em 20 de setembro de 1889. Em 1897 sai o primeiro número da Revista Moderna, com sua orientação efetiva. Em 20 de novembro começa a ser publicada nessa revista *A Ilustre Casa de Ramires*. A publicação da revista estende-se até Março de 1899. Ao mesmo tempo, Queirós prepara para publicação em volume *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*. Morre em 19 de agosto de 1900, em Paris.

1.1. O Realismo

Numa obra realista, o autor procura descrever a realidade tal qual ela é, como um observador, com o intuito de refleti-la como num espelho. Assim podemos observar, tanto na obra como na vida, que, através do realismo, "Eça defende a ideia de uma arte comprometida com a realidade social e aliada à ciência (GOMES, 2000, p. 09). O realismo preocupa-se com a representação objetiva da realidade. Os realistas acreditavam que a obra de arte deveria ter um sentido crítico e voltar-se para a realidade social do tempo. Essa escola esmera-se em retratar a realidade *com certa isenção*, não se aprofundando muito na pesquisa, nem trazendo a ciência para o plano da obra; diferentemente do naturalismo, que incorpora o cientificismo da época e o determinismo, tentando mostrar que o homem está condicionado pela hereditariedade, pelas circunstâncias e pelo meio em que vive. Situações de causa e efeito servem para melhor descrever a personalidade e as atitudes das personagens, evidenciando assim preocupações patológicas. Eça de Queiroz procurou observar e expor a realidade da maneira mais fiel, por isso não foge nem para o passado, nem para o futuro, mas se concentra na realidade que lhe é contemporânea. Retrata tipos concretos, vivos, não-idealizados, inclusive procura interpretar o personagem e os motivos de suas ações. Por isso mesmo, um personagem tanto pode ter um aspecto ruim na personalidade como ter aspectos bons. Busca a precisão e o detalhe, não abrindo mão das minúcias, na observação de atitudes e sentimentos. Por isso mesmo, a narrativa realista é lenta. O realista volta-se para o aspecto físico, vendo assim a mulher como objeto de prazer, não no sentido machista. A mulher é mais real, mais humana, com falhas e virtudes, e, geralmente, não há um envolvimento romântico, mas mais físico, carnal, contrapondo com o romantismo, onde a mulher é vista como sublime, ideal, virtuosa.

Além disso, na escola realista as temáticas do adultério e crimes são comuns. Os realistas usam a arte como uma arma de combate e denúncias sociais, explicitando os preconceitos, a hipocrisia, a ambição e a exploração dos menos favorecidos. Sempre procura uma explicação lógica para as atitudes dos personagens, somando fatores que justificam suas

ações. Retrata o cotidiano, utilizando-se de palavras menos “nobres” e até mesmo vulgares, sendo uma linguagem simples, natural, correta, clara e equilibrada. Esses pontos serão mais tarde apontados nas obras observadas. Pretendo também estabelecer a diferença entre o que é religiosidade e o que é espiritualidade, bem como mostrar o que é um homem espiritual e um homem carnal, pois esses dados se fazem necessários para entendermos bem a questão.

1.2. A Religiosidade

O que é religiosidade? Segundo o dicionário Houaiss (2009), religiosidade é a “qualidade do que é religioso”, é a “tendência para os sentimentos religiosos, para as coisas sagradas”, assim como é um “conjunto de escrúpulos religiosos ou de valores éticos que apresentam certo teor religioso”. O mesmo dicionário ainda define religioso como sendo “relativo a ou próprio da religião, que vive segundo as regras de uma religião, que tem religião, que apresenta fortes elementos de adoração, de veneração, pertencente ou relativo ao instituto monástico, aquele que pratica uma religião; [...] pessoa que se comprometeu a seguir certas regras estabelecidas por uma religião”.

Para complementar, a seguir, segue a etimologia da palavra religião:

> O port. *religião*, do séc. XIV, esp. *religión*, de 1220-1250, it. *religione*, do séc. XII-XIII, fr. Ing. *religion*, respectivamente de c. 1085 e do séc. XIII, al. *religion*, do séc. XIV-XV, é o lat. *religĭo*, *-ōnis*, ‘fidelidade ao dever, lealdade, consciência do dever, escrupúlo religioso, obrigação religiosa, culto religioso, práticas religiosas, religião’, que Cícero (106-43 a.C.) liga ao verbo lat. *relegĕre*, ‘retomar o que tinha sido abandonado, tornar a revistar, reler, enquanto que autores tardios como Lactâncio (c. 260-c.325 d.C.) e santo Agostinho (354-430 d.C.) derivam do lat. r*eligāre*, ‘ligar, apertar, atar’. Os estudiosos modernos têm preferido o segundo étimo, já que o lat. *religĭo* muitas vezes significa o mesmo que o lat. *obligatio*, ‘ação de prender-se, de se ligar, de tomar a si uma obrigação’. (Enciclopédia Mirador Internacional, 1995, p. 9758)

De acordo com Mircea Eliade, “o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à *realidade* por excelência. […], É, portanto, fácil de compreender que o homem religioso deseje profundamente ser, participar da *realidade*, saturar-se de poder.” […] Ele resume que o homem que se diz ou se considera religioso “se esforça para manter-se o máximo de tempo possível num universo sagrado” (1995, p. 18-19).

Diz a *The New Encyclopædia Britannica* (1974) que, embora a religiosidade do homem se tenha degradado com o passar do tempo, ele permanece “incuravelmente religioso”*: ‘’*Até onde os peritos conseguiram descobrir, jamais existiu um povo, em qualquer parte, em qualquer tempo, que não fosse de algum modo religioso*’’.* Segundo o registro bíblico, os seres humanos sempre tiveram o desejo consciente de adorar a uma deidade.

(Gênesis 4:3, 4; 5:21-24; 6:8, 9; 8:20; Hebreus 11:27). Nessa perspectiva, ser religioso inclui ouvir a palavra de Deus – quer seja por ler a Bíblia, quer por ouvi-la quando estiver sendo considerada – e obedecer ao que ela diz. Jesus Cristo explicou: “Mais felizes são aqueles que ouvem a mensagem de Deus e lhe obedecem!” (Luc. 11:28)

Sendo assim, o homem religioso procura manter-se num universo sagrado, por dar importância ao que é considerado sagrado, por imitar aqueles que ele considera serem modelos divinos. Se for uma religião não cristã ele vai imitar quem ele considera sagrado, os rituais, imitando deuses ou mitos, se for uma religião cristã, que tem a Bíblia considerada como sagrada, vai considerá-la, ouvi-la, seguir os seus preceitos. De qualquer maneira, esse homem religioso vai estar praticando uma ação, tomando uma atitude coerente com o que ele acredita.

A partir dessa informação, talvez nos perguntemos: qual é a diferença entre religiosidade e espiritualidade?

1.3. A Espiritualidade

A maioria de nós não está satisfeita apenas com às necessidades básicas da vida, como obter alimentação, vestuário, moradia e segurança. Temos questionamentos, queremos saber o significado da vida, se é esta vida tudo o que há, de onde viemos, procuramos ter esperança de um futuro melhor. Essas necessidades mais profundas indicam que nós temos uma qualidade ímpar: a espiritualidade, ou seja, a necessidade de compreender assuntos espirituais e o potencial para explorá-los.

Muitas pessoas reconhecem a necessidade de espiritualidade na vida e supõem que, uma vez adquirida, ela lhes trará felicidade. Outros acreditam que espiritualidade é uma característica ou qualidade do que tem ou revela intensa atividade religiosa ou qualidade do que é espiritual, ser espiritual ou ter inclinação espiritual. Assim como diz-se que quem gosta muito de música tem inclinação musical, de forma similar, alguém que dá muito valor a interesses espirituais ou religiosos tem inclinação espiritual.

Já dá para perceber que ser religioso envolve ação, então o homem religioso é mais físico, relacionado a hábitos, costumes, afazeres, envolver-se com o que ele considera sagrado. Nesse sentido o Padre Amaro é um personagem religioso, ou seja, ele cumpre obrigações religiosas, reza a missa, batiza, realiza os deveres de um padre, enquanto que ser espiritual envolve a espiritualidade, ou seja, não é uma questão física, é algo mais abstrato, uma questão mental. No caso do Padre Amaro ele não é um personagem espiritual, porque ele não está preocupado com sua própria espiritualidade, nem com a espiritualidade dos demais com quem ele convive. Inclusive a forma como ele lidava com seus impulsos sexuais

demonstravam que ele não tinha uma inclinação espiritual. Consideremos mais de perto a diferença entre um homem espiritual e um homem carnal.

1.4. Contraste entre o homem espiritual e o homem físico (carnal)

O homem físico – carnal - que queremos contrastar refere-se a alguém que não tem um lado espiritual desenvolvido na sua vida. Ele é "de alma" no sentido de que segue os desejos da alma humana, quer casar, ter filhos, moradia, emprego, educação secular, diversão, em fim, tudo que pode trazer tranquilidade e prazer ao corpo. Não queremos dizer com isso que essas coisas são erradas, não, mas que ele está "excluindo" a espiritualidade, como se tal não fosse necessária. O apóstolo Paulo fala sobre o "homem físico", dizendo que este não pode chegar a conhecer as coisas do espírito de Deus, "porque são examinadas espiritualmente". Daí, ele diz: "No entanto, o homem espiritual examina deveras todas as coisas, mas ele mesmo não é examinado por homem algum". Diferente do homem carnal, o homem espiritual tem entendimento das coisas que Deus revela. O "homem espiritual" mencionado pelo apóstolo Paulo não é alguém que o dia inteiro usa uma expressão santimoniosa ou religiosa no rosto. De modo algum! Não usa a sua espiritualidade como uma espécie de distintivo. Sabe que os escribas e os fariseus, que se opuseram a Jesus Cristo, não eram homens espirituais. Talvez tivessem a reputação de serem tais, por repetirem em público longas orações e usarem apetrechos religiosos de modo conspícuo. Mas, estas mesmas coisas os marcaram como sendo realmente homens físicos, e ainda por cima hipócritas, pois faziam isso exclusivamente para serem vistos pelos homens. (Mat. 6:5; 23:5).

Coloquemos em evidência as características do homem espiritual:

- Um homem espiritual tem fé. Explicando melhor: Ter fé, *saber* que Deus existe, que Deus vive, pois toda a criação visível atesta eloquentemente a Sua existência. Adorar a Deus sinceramente, "com espírito e em verdade", é para ele a única maneira aceitável. Tem esperança, não se trata de uma esperança cega, não, ele tem uma esperança sólida, forte, como âncora para a sua alma, baseada nas promessas e realizações de Deus nos tempos passados, conforme registradas na Sua Palavra. Sabe que Deus não pode mentir. Por causa de sua esperança, o homem espiritual não se perturba indevidamente com o aumento da iniquidade e da violência, nem com o aspecto sombrio do futuro. Sabe que muito em breve "virá o reino de Deus e se realizará então a Sua vontade, como no céu, assim também na terra". (Mat. 6:10; Heb. 6:18, 19)

- Ele se envolve com assuntos espirituais. Faz isso por dedicar a sua vida para servir a

Deus e as pisadas do Filho de Deus, Jesus Cristo, por tirar tempo para louvar a Deus cada dia, bem como agradecer-lhe por tudo o que há de bom, ainda por comprar tempo' dos seus afazeres diários para *estudar* a Palavra de Deus, ou seja, ele não somente lê a Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada, cada dia, mas deseja também compreender o que ele lê.

- 'Sabem que são espiritualmente pobres' (Mat. 5:3), ou seja, ele tem consciência da necessidade de preencher a sua espiritualidade, assim como irá satisfazer as demais necessidades físicas, emocionais, materiais. Reconhece que "o ser humano não vive só de pão, mas vive de tudo o que Deus diz" (Mat. 4:4), ou seja, temos necessidade de nos alimentar, de trabalhar para termos o nosso sustento, roupa, comida, abrigo, mas, além disso, temos de estar conscientes também da nossa necessidade espiritual.

- Visto que "a boca fala do que o coração está cheio" (Mat. 12:34), o homem espiritual se agrada em falar sobre assuntos relacionados com a Palavra e os propósitos de Deus. Essa qualidade ou característica é ímpar, pois é uma forma de outros poderem identificar se a pessoa é espiritual. As outras características são internas, só a própria pessoa pode saber, mas essa é externa, pode ser percebida. Por exemplo: se uma pessoa gosta de um time, você logo vai descobrir que time é esse, pois ele vai ter prazer em se identificar. Um gremista nunca sentiria prazer em falar sobre o Inter, assim como o contrário, mas com certeza ele vai ficar muito entusiasmado em falar sobre o seu time. Isso não quer dizer que ele vai falar sobre o time o tempo inteiro, chateando as pessoas. Da mesma forma, a pessoa que é espiritual, volta e meia vai falar sobre esse assunto, mas não o tempo todo, tal como uma beata. Trazendo essas observações sobre Eça de Queiroz, a espiritualidade é um assunto recorrente nas suas obras, pois volta e meia ele trata de assuntos e de figuras religiosos, assim como cita partes da bíblia, "a mão escreve do que o coração está cheio".

Tendo essas informações claras na mente sobre o que é homem físico e espiritual e as diferenças entre religiosidade e espiritualidade, segundo a Bíblia, vamos observar agora três obras do Eça e ver como são tratados os temas e os personagens religiosos.

2. REALISMO E ESPIRITUALIDADE EM EÇA DE QUEIROZ

2.1 O Crime do Padre Amaro

Eça de Queiroz publicou essa obra quando tinha 30 anos, é uma de suas primeiras obras sérias (considerando a fase inicial, em que escreveu textos fantasiosos e até uma narrativa policial), na verdade, trata-se de um romance de tese, pois tenta mostrar que o homem era determinado pelo meio físico e social.

O Crime do Padre Amaro trata da vida de um jovem que ficou órfão aos seis anos. Apesar de ter um tio e uma tia, a senhora marquesa de Alegros, patroa de sua mãe e seu pai, adota-o tacitamente, cuidando da sua educação. Essa senhora desde cedo tinha decidido que Amaro entrasse na vida eclesiástica. Os próprios criados diziam que ele era uma "mosquinha morta" (QUEIROZ, 2000, p. 31), devido à sua aparência "amarelada e magrita" (QUEIROZ, 2000, p. 30), sendo a vida eclesiástica um destino recolhido, que combinaria com a sua personalidade. Vive sem amor numa casa onde quase só há mulheres, desenvolvendo um temperamento apático e passivo.

Quando a marquesa morre, ela deixa o dinheiro para a educação de Amaro. Ele fica por uns tempos na casa dos tios, até atingir a idade própria, tempo este que lhe foi muito difícil, devido aos maus tratos. Pouco conhece da vida, a não ser no último ano, antes de entrar no seminário, quando começa a sair sozinho e olhar a cidade, as pessoas, o movimento, conseguindo uma liberdade provisória. Já observa as mulheres, pensa nelas, não lhe agrada a ideia de uma vida celibatária. Sem poder escolher seu destino, pois é fraco de espírito, entra no seminário. Tudo para ele é triste. Mas consegue fazer amizades. Quase todos falavam com saudades da liberdade que tinham antes. Para eles, o seminário é uma clausura, mas para o Amaro passivo, é só tristeza. "Lentamente, com a sua natureza incaracterística, foi entrando como uma ovelha indolente na regra do seminário". (QUEIROZ, 2000, p. 34) Não há vocação, não há paixão pelo que faz, continua porque não tem coragem ou não quer mudar, ter outro modo de vida, consequentemente, viverá o drama do celibato clerical. Os estudos que vai aprendendo, não é por amor, ele os decora, como decoraria qualquer outra matéria. "Nunca pudera compreender os que pareciam gozar o seminário com beatitude e marejavam os olhos". (QUEIROZ, 2000, p. 34) Assim Amaro vai vivendo. O autor dá pistas de quais serão as consequências da vida eclesiástica do personagem e do amor que ele vai ter pelas coisas religiosas e espirituais, ou seja, será um fardo, uma mania, uma repetição. Observe os pensamentos carnais dele:

> Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pousada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a Salve-Rainha: mas, ficando a contemplar a litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava; despindo-se olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca... Julgava então ver os olhos do Tentador luzir na escuridão do quarto; aspergia a cama d'água benta; mas não se atrevia a revelar estes delírios, no confessionário, ao domingo. (QUEIROZ, 2000, p. 35)

Para Amaro, “os estudos, os jejuns, as penitências podiam domar o corpo, dar-lhe hábitos matinais, mas dentro os desejos moviam-se silenciosamente, como num ninho de serpentes imperturbadas”. (QUEIROZ, 2000, p. 36) E assim, ele ordena-se. Logo depois foi nomeado como pároco de Feirão, na Gralheira, serra da Beira-Alta. É um lugar pobre, com um inverno rigoroso. Indo a Lisboa, solicita a uma das filhas da marquesa que o educara que interceda por ele. Uma semana depois é nomeado para Leiria, sede de bispado. Orientado pelo Cônego Dias, que fora seu mestre de Moral nos primeiros anos do seminário, ele vai morar na casa do S. Joaneira. Lá ele fica impressionado por Amélia, uma rapariga de vinte e três anos, bonita, forte e muito desejada, filha da dona da casa. Ficam mutuamente atraídos.

Amaro era assim, imaginava-se com a santa (litografia), esteve com a Ana Vaqueira, quando foi solicitar sua transferência, ficou admirado com uma senhora que lá estava, na casa da filha da marquesa, como pode ser visto a seguir:

> Amaro daí a uma semana soube do seu despacho. Mas não tornara a esquecer aquela manhã em casa da senhora condessa de Ribamar – o ministro de calças muito curtas, enterrado na poltrona, prometendo o seu despacho; a luz clara e calma do jardim entrevisto; o rapaz alto e louro que dizia *yes*... Cantava-lhe sempre no cérebro aquela ária triste do *Rigoletto*: e perseguia-o a brancura dos braços de Teresa sob a gaze negra! Instintivamente via-os enlaçarem-se devagar, devagar, em torno do pescoço airoso do rapaz louro: - detestava-o então, e a língua bárbara que falava, e a terra herética donde viera: e latejavam-lhe as fontes à ideia de que um dia poderia confessar aquela mulher divina e sentir o seu vestido de seda preta roçar pela sua batina de lustrina velha, na escura intimidade do confessionário. (QUEIROZ, 2000, p. 47)

Nesse trecho fica bem evidente os desejos de Amaro que o consomem, que o perseguem, tem a clara intenção de se utilizar da confissão como meio de intimidade com as mulheres. Exatamente o que vai acontecer com Amélia, pois ao tornar-se seu confessor, ficam tão próximos, que termina por conduzi-los ao ato sexual.

Começa o envolvimento dele com Amélia. Admira-a, gosta dela, de tudo que ela faz. Fica curioso pela sua intimidade, gostava de a ver falar, rir, andar. “não se lembrava que era padre”, tudo parecia longe “só pensava então na doçura infinita de lhe dar um beijo na brancura do pescoço, ou mordiscar-lhe a orelhinha“. (QUEIROZ, 2000, p. 75)

Quando Amaro descobre que o Cônego Dias é amante da mãe de Amélia, ele fica surpreso, mas logo começa a antever a facilidade que isso representa. Podem os dois ser amantes, assim como o Cônego e a mãe: “agora a ideia muito magana dos dois padres e as duas concubinas, de panelinha, dava àquele homem amarrado pelos votos uma satisfação depravada!”. (QUEIROZ, 2000, p. 80) Em nenhum momento tem uma consciência para acusá-lo, mostrar-lhe que está errado, que não pode, mas simplesmente age como um homem carnal e não espiritual. Se em algum momento ele pensa que não pode oferecer-lhe um casamento, filhos, uma vida social, honra, no outro instante já está pensando em como tê-la.

E o desejo cresce, mas ele não o afasta. Ele vai organizar a sua vida e a de Amélia para consumarem esse desejo. Para isso, vai arranjar uma casa, perto da igreja, onde tem um senhor simples, com uma filha doente. Ele aproveita e arranja para que Amélia vá ajudá-la, ensinar-lhe a rezar, a conhecer santos, tudo como fachada para o encontro.

Vai utilizar-se do poder da confissão também para manipulá-la. “A rapariga o que precisa é quem a dirija... precisa quem a confesse... o que ela precisa é um confessor teso, que lhe diga – *para ali!* e sem réplica... que a governe com uma vara de ferro, a quem ela obedeça, a quem conte tudo, de quem tenha medo... É como deve ser um confessor.” (QUEIROZ, 2000, p.165) Ele vai induzindo D. Josefa a dizer que ele seria o indicado para ser o confessor de Amélia. Pede-lhe sua ajuda nesse sentido. Não demonstra preocupação sincera pela espiritualidade dela, para que se sinta melhor, para que tenha objetivos na vida, o seu interesse é particular. Aqui o autor apenas tenta demonstrar o que vê na realidade, se os representantes religiosos que ele deixa em evidência não tem tal preocupação ele não a relata, mas vai demonstrar mais adiante essa preocupação no personagem Abade Ferrão. Então, o que Amaro quer é tê-la só para si, sem dividi-la com ninguém, pois, no fundo, tem medo de que ela acabe confessando o caso deles ao padre Silvério. Através da confissão, ele pode ter o conhecimento de tudo que se passa com ela, quais os seus pensamentos mais secretos, seus medos, suas angustias.

Esse uso abusivo e incorreto da confissão fazem parte das críticas ao clero católico: “Os confessores mais do que nunca tornaram-se inquisidores dos aspectos mais íntimos da consciência” (VEREDAS 5, Porto Alegre, 2002, p. 55), e é com base nesse poder que Amaro quer dominar a Amélia.

Outro ponto que chama atenção é a desculpa que ele tem para pecar, para insistir nessa situação com Amélia (pecar no sentido de que ele está indo contra os regulamentos que a própria Instituição determina). Observe o argumento dele: “é que o comportamento do padre, logo que não dê escândalo entre os fiéis, em nada prejudica a eficácia, a utilidade, a grandeza da religião...”, “E se o pároco se arrepende à hora extrema, também se lhe não fecham as

portas do céu" (QUEIROZ, 2000, p. 232). O verdadeiro arrependimento significa ter pesar por alguma falta cometida, sentir remorso, mudança de opinião, ter o desejo de querer voltar atrás. Então depreende-se que arrepender-se envolve uma mudança de ideia ou de sentimento. Como ele poderia, à hora extrema, mostrar em ações esse arrependimento? Ele não leva em conta a misericórdia de Deus, torna-a trivial e faz parecer que o pecado não é tão ruim assim. Portanto, mais uma vez, o Padre Amaro mostra-se ser um homem carnal, com as suas atitudes, não espiritual, não representante correto da palavra de Deus, mas um oportunista que quer se dar bem e ficar com a mulher que ama ou diz amar.

Podemos pensar: por que o autor coloca em evidência estas atitudes do Padre Amaro, já que ele retrata a sociedade em que vive? Estaria ele pregando uma moral do que é certo ou do que é errado? Queria apenas mostrar que esses fatos existem na realidade? Ou queria apontar os defeitos a fim de contribuir para uma reforma, tentando modificar o que ele acreditava que deveria ser mudado?

Vamos observar um pouco o sacerdócio do personagem Amaro:

> Amaro já não celebrava a missa como nos primeiros tempos, com uma devoção enternecida. "Estava agora habituado", dizia. E como não ceava, e àquela hora, em jejum, com a frescura cortante do ar, já sentia apetite, engorolava depressa, monotonamente, as santas leituras da Epístola e dos Evangelhos... E quando, depois de ter beijado o altar, Amaro vinha do alto dos degraus dar a benção, era já pensando na alegria do almoço, na clara sala de jantar da S. Joaneira e nas boas torradas. (QUEIROZ, 2000, p. 72)

Não há amor, não há adoração, não há preocupação com as almas, mas apenas uma rotina, como de quem vai para o trabalho e após volta para casa, para a família, para o convívio íntimo. É um emprego de sacerdócio. Esse, possivelmente, seria outro questionamento do autor, pois, a maioria, não entravam para a vida eclesiástica por vocação, mas por outros motivos.

Poderíamos continuar falando sobre cada comportamento dele, mas acredito que já está bem claro as atitudes de Amaro. No final da obra ele vai dizer ao Cônego "- Já lá vai o tempo, padre-mestre – disse o pároco rindo – já as não confesso senão casadas!" (QUEIROZ, 2000, p. 356), o que demonstra que ele continua a ter atitudes de fornicação, mas mais precavido, pegando as casadas, assim, se elas ficarem grávidas, ele não se complicará e poderá continuar com a sua vida. Amaro é um personagem inescrupuloso e egoísta, apenas não quer ter muito trabalho, quer comer, viver bem e ter poder sobre as pessoas.

Pode ser até que, naquele tempo, fosse uma questão de prestígio alguém na família ser um padre ou que estivessem procurando boa instrução, mas o fato de padres terem relacionamentos com mulheres é algo que era criticado há muito tempo, não era algo aceito pelo povo, mas tolerado por eles. Gil Vicente, no Auto da Barca do Inferno, já fazia esse tipo

de denúncia. Por isso era próprio que o próprio Eça de Queiroz também criticasse, talvez até achando que aí deveria de haver uma mudança, que os novos padres deveriam ser ordenados por vocação e não por prestígio e educação.

O autor deixa explícito que, na maioria, os eclesiásticos levam uma vida hipócrita, pregam uma coisa e fazem outra. Poderíamos falar do pároco (responsável por uma paróquia) José Miguéis, “comilão dos comilões” (QUEIROZ, 2000, p. 17); do coadjutor Mendes (ajudante do cônego Dias), por sua omissão diante do que ele sabe ou deveria saber como certo e errado; do Natário, “criaturinha biliosa, seca, com dois olhos encovados, muito malignos... língua de víbora” (QUEIROZ, 2000, p. 83), de natureza dura e grosseira, faz uso das informações de confissão em benefício próprio e é grosseiro com pessoas mais fracas; do padre Brito, “padre mais estúpido e mais forte... atira brutalmente as raparigas para cima das medas de milho” (QUEIROZ, 2000, p. 83); do Libaninho, falando sempre em diminutivos “bocadinho... Ai, filhos! papei-a logo, venho mesmo consoladinho!” (QUEIROZ, 2000, p. 83), mas no final, a conversa do cônego Dias e de Amaro dá a entender que o Libaninho foi pego com o sargento, o que foi um escândalo.

Cabe agora mostrar que nem todos eclesiásticos agem como o Padre Amaro, fazendo um contraponto com o abade Ferrão, pois ele era diferente dos demais, era um personagem bondoso, alegre, limpo, misericordioso, mais de setenta anos, há muitos anos que era abade:

> “os bispos tinham-se sucedido na diocese, e ele ali ficara esquecido naquela freguesia pobre, de côngrua atrasada, numa residência onde chovia pelos telhados. O último vigário-geral, que nunca dera um passo para o favorecer, dizia-lhe todavia, liberal de palavreado:
> - Você é um dos bons teólogos do reino. Você está predestinado por Deus para um bispado. Você ainda apanha a mitra. Você há-de ficar na história da Igreja portuguesa como um grande bispo, Ferrão! (QUEIROZ, 2000, p. 292)

Era humilde e reconhecia que ser bispo era uma grande responsabilidade. O caso é que ele era diferente dos demais, chegavam até a dizer que ele tinha “ideias esquisitas”, sendo assim, como bispo, seria um problema, pois iria exigir dos seus um determinado comportamento que eles não iriam querer, por isso, era muito conveniente esquecê-lo numa abadia pequena. Observe, a seguir, como era a vida deste abade:

> […] vivendo de dois pedaços de pão e uma chávena de leite, com uma batina limpa onde os remendos faziam um mapa, precipitando-se a uma meia légua por um temporal desfeito se um paroquiano tinha uma dor de dentes, passando uma hora a consolar uma velha a quem tinha morrido uma cabra... E sempre de bom humor, sempre com um cruzado no fundo do bolso dos calções para uma necessidade do seu vizinho, grande amigo de todos os rapazitos a quem fazia botes de cortiça, e não duvidando parar, se encontrava uma rapariga bonita, o que era raro na freguesia, e exclamar: "Linda moça, Deus a abençoe! "
> E todavia, em novo, a pureza dos seus costumes era tão célebre, que lhe chamavam "a donzela". (QUEIROZ, 2000, p. 292-293)

Dá para imaginar perfeitamente como é esse homem. Um ser que se preocupa com as pessoas em sentido material e emocional. Quem quer que seja que precisa de ajuda, ele ajuda. Continua bem humorado e sempre pronto para ajudar. Nesse personagem, Eça de Queiroz dá uma visão como seria um bom sacerdote, porque se ele escreve com a intenção de mostrar o que está errado na sociedade portuguesa e tem a pretensão de mudá-la, então, quando ele escreve o lado bom, podemos deduzir o que ele considera ser o ideal, no caso de um eclesiástico, suas atitudes, seu modo de ver a vida, de ajudar as pessoas, de se achegar a Deus. Segue ainda a descrição do seu zelo religioso e espiritual:

> De resto, padre perfeito no zelo da Igreja; passando horas de estação aos pés do Santíssimo Sacramento; cumprindo com uma felicidade fervente as menores práticas da vida devota; purificando-se para os trabalhos do dia com uma profunda oração mental, uma meditação de fé, de onde a sua alma saía ágil, como dum banho fortificante; preparando-se para o sono com um destes longos e piedosos exames de consciência, tão úteis, que Santo Agostinho e S. Bernardo faziam do mesmo modo que Plutarco e Sêneca, e que são a correção laboriosa e sutil dos pequenos defeitos, o aperfeiçoamento meticuloso da virtude ativa, empreendido com um fervor de poeta que revê um poema querido... E todo o tempo que tinha vago abismava-se num caos de livros. (QUEIROZ, 2000, p. 293)

Possuía zelo perfeito da Igreja, ou seja, cuidado com todos os seus afazeres eclesiásticos, como sacerdote. Não agia como Amaro, que fazia sem gosto, que corria para ir almoçar, mas com felicidade fervente, não importando se estas práticas eram grandes ou pequenas. Fazia profunda oração mental, ou seja, não uma oração “de fome”, correndo como uma obrigação, mas uma oração pensada, com prazer, assim como Jesus Cristo fazia. Também meditava, e era uma meditação de fé, e isso o fortificava espiritualmente. Percebe-se aí um homem completamente espiritual, ele tem fé, envolve-se com questões espirituais e quando fala com as pessoas elas percebem sua espiritualidade. Mesmo ele sendo um homem espiritual, não significa que todos irão gostar dele, afinal nem todos gostaram de Jesus. Um é exemplo é a personagem D. Josefa.

D. Josefa não gosta dele porque ela está acostumada a um padre mais inquisidor na confissão, achando-o diferente, pensa que ele não se interessa por ela, então, repudia-o. Ela anda atormentada com os sonhos que tem, o Abade tenta ajudá-la, pois percebe que ela tem a “doença dos escrúpulos”, ou seja, a religião fica enchendo as pessoas de medos mórbidos, tais como o inferno de fogo, onde as pessoas que pecaram ficarão eternamente sendo punidas. Tenta ajudá-la espiritualmente, mas ela recusa.

> O abade Ferrão “sentia-se triste, pensando que por todo o reino tantos centenares de sacerdotes trazem assim voluntariamente o rebanho naquelas trevas da alma, mantendo o mundo dos fiéis num terror abjeto do céu, representando Deus e os seus santos como uma corte que não é menos corrompida nem melhor que a de Calígula e dos seus libertos... Disse-lhe que todas as suas inquietações vinham da imaginação torturada pelo terror de ofender a Deus... Que o Senhor não era um amo feroz e

> furioso, mas um pai indulgente e amigo, Que é por amor que é necessário servi-lo, não por medo... aconselhou-a confiança em Deus... que não se cansasse em orações exageradas...” (QUEIROZ, 2000, p. 295)

Ela não entende que ele quer ajudá-la. Segundo Elena Soler (VEREDAS, 2002, v. 5. p. 55), “os confessores mais do que nunca tornaram-se inquisidores dos aspectos mais íntimos da consciência e os beatos, como a D. Josefa, começaram a desconfiar dos sacerdotes benévolos”. Depois de ter estado com o abade Ferrão por horas, define-o como “relaxado”, acreditando que ele não tinha interesse na confissão dela, pois ele não a inquiriu, nem a controlou, não detinha um uso abusivo e incorreto da confissão.

O abade concentra-se em ajudar Amélia, por vê-la tristonha, interessa-se por ela. As conversas do abade, falador incansável, entretinham-na, tão diferentes dos mexericos da rua da Misericórdia, sua própria casa, cheia de padres que deveriam ter o mesmo espírito. Pelo seu interesse e bondade, ela consegue abrir-se e falar do que a está incomodando, das vozes que ouve, do medo que tem, dos seus terrores noturnos, dos ruídos que ouvia na casa e do medo que sentia:

> Minha senhora, isso são imaginações que deve a todo o custo dominar... Decerto tem havido prodígios no mundo, mas Deus não se põe assim a falar a qualquer, por detrás das barras das camas, nem permite ao demônio que o faça... Essas vozes, se as ouve, e se os seus pecados são grandes, não vêm de detrás da cama, vêm-lhe de si mesma, da sua consciência... E pode então fazer dormir ao pé de si a Gertrudes, e sem Gertrudes, e todo o batalhão de infantaria, que as há-de continuar a ouvir... Havia de as ouvir, mesmo que fosse surda. O que é necessário é calmar a consciência que reclama penitência e purificação... (QUEIROZ, 2000, p. 297)

Amélia estava num estado de terror, com medo da morte, da punição, de Deus abandoná-la, totalmente deprimida, nem se arrumar ela se arrumava mais. Ele consegue tranquilizá-la, faz ver que Deus é bom, que deve acalmar a consciência, fazendo penitência e purificação. Ela confia nele, tem desejo de paz, de repouso. Acaba confessando tudo e sente-se calma e feliz. Ele é um homem espiritual que procura ajudar as “ovelhinhas de Deus”, consolando-as, confortando-as, sem outros pensamentos carnais, como um pai amoroso com sua filha.

> Pensava naquelas palavras tão sensatas do abade, no descanso que gozaria se cada pecado que lhe pesava na alma como um penedo se tomasse ligeiro e se dissipasse sob a ação da penitência. E vinham-lhe desejos de paz, dum repouso igual à quietação dos campos que se estendiam diante dela […] E Amélia, diante daquele chilrear glorioso dum pássaro contente, subitamente, sem razão, num destes abalos nervosos que vêm às mulheres histéricas, rompeu a chorar.
> - Então, que é isso, que é isso? fez o abade muito surpreendido.
> Tomou-lhe a mão, com uma familiaridade de velho e de amigo, calmando-a.
> - Que infeliz que sou!.., murmurou ela aos soluços.
> Ele então muito paternal:
> - Não tem razão para o ser... Sejam quais forem as aflições, as inquietações, uma alma cristã tem sempre a consolação à mão... Não há pecado que Deus não perdoe, nem dor que não calme, lembre-se disso... O que não deve é guardar em si o seu desgosto... É isso que sufoca, que a faz chorar... Se eu lhe posso valer, sossegá-la, é

> procurar-me...
> - Quando? disse ela toda desejosa já de se refugiar na proteção daquele santo homem.
> - Quando quiser, disse ele rindo. Eu não tenho horas para consolar... A igreja está sempre aberta, Deus está sempre presente...
> Ao outro dia cedo, antes da hora em que a velha se erguia, Amélia foi à residência; e durante duas horas esteve prostrada diante do pequeno confessionário de pinho - que o bom abade por suas mãos pintara de azul-escuro, com extraordinárias cabecinhas de anjos que em lugar de orelhas tinham asas, uma obra de alta arte de que ele falava com uma secreta vaidade (QUEIROZ, 2000, p. 297-298).

O personagem abade Ferrão ajudava as pessoas, fosse humanitariamente, ajudando alguém que teve sua casa destruída, ou fosse espiritualmente, como no caso de Amélia que estava completamente aterrada, cheia de medo e dúvidas. Não tinha horário, pois dizia que a igreja estava sempre aberta, pois Deus estava sempre presente. Verificamos, então, dois personagens pertencentes a mesma instituição, mas diferentes em espírito, um inescrupuloso e outro humanitário.

Nessa obra, pode-se depreender que o autor não estava condenando os personagens, mas transformando-os em vítimas, transferindo a responsabilidade à sociedade: “Vítimas de uma concepção errada, que projeta o erro, no embate entre as fórmulas convencionadas e a própria natureza” (MARQUES, [1945?] pg. 97). Veja a seguir o fragmento que demonstra o que queria o autor: “Eça, não obstante o seu espírito pacificador, acha necessário acutilar a sociedade, a sociedade portuguesa – como ele escreve a Teófilo Braga - “tal qual a fez o constitucionalismo desde 1830 – e mostrar-lhe, como um espelho, que triste país eles formam – eles e elas...” (MARQUES, [1945?], p. 87). Ele explica ainda que a sociedade à que se refere é a sociedade burguesa.

Nesta época, a Europa começava a viver aceleradamente o futuro, a Inglaterra estava em plena revolução industrial, enquanto que na França, Paris se destacava como uma cidade progressista, com seus elegantes bulevares, uma bela metrópole como centro de atração cultural e difusão da moda. Enquanto isso, Portugal parecia ancorado no passado, adormecido, sem fulgor, sem brilho. Eis que surge uma brilhante geração de escritores, dispostos a tirar Portugal desse atraso, a fim de equipará-lo às nações mais avançadas da Europa. Essa geração abraça o realismo como uma luta contra o romantismo, motivo pelo qual eles acreditam que Portugal esteja nesse atraso. Eça de Queiroz marcou o início de uma época literária em Portugal e essa obra transformou-se no lume revolucionário da nova escola.

Com que objetivos Eça de Queiroz escreveu essa obra? Segundo Antero Lemos, Eça ainda acreditava no ser humano, tentando mostrar que são as instituições, o sistema, o meio ambiente e a hereditariedade que transformam ou formam as pessoas: “O mal está numa sociedade decadente e viciada que urge levantar. O ambiente imoral e a desorientada

educação são os criadores dos personagens do “Crime” e do “Primo” e as causas de toda aquela interminável falange de falhados e pobres diabos.” Ele dizia ainda que Eça de Queiroz satirizava “para pregar moral, erguendo os olhos de visionário para um mundo onde o Bem e o Belo sejam os únicos motivos da própria vida” dando a entender que bastava educar os homens, dentro de princípios morais e racionais, para tal mundo. (LEMOS, 1945, p. 181-182)

Essa obra, publicada pela primeira vez em 1875, é uma das obras mais polêmicas de todas que Eça de Queiroz escreveu. Tornou-se uma das mais famosas, por tratar do comportamento nocivo e corrupto, não só dos padres, mas do clero em geral.

É um romance em que se percebe, claramente, o combate de valores éticos e morais vigentes na sociedade portuguesa da época, que eram considerados fundamentais para as pessoas e famílias de bem. Como se observa, essa obra não tem simplesmente a intenção de contar a história amorosa de Amaro e Amélia. Bem ao contrário, seu objetivo é analisar o comportamento dominador e corrupto do clero e do governo sobre a atrasada e hipócrita sociedade portuguesa da época, encontrar os motivos de decadência dessa mesma sociedade e provar que os indivíduos que a compõem são vítimas desse sistema injusto e cruel. Foi contemporânea a segunda revolução industrial: “As velhas amigas estavam já na sala de jantar. Ao pé do candeeiro de petróleo, Amélia costurava” (QUEIROZ, 2000, p.50).

A trama é contada pelo típico narrador do realismo-naturalismo, o narrador em terceira pessoa, consciente e onipresente, ou seja, que não participa da história, mas sabe de tudo que acontece com seus personagens.

O tempo é rigorosamente cronológico e linear, no entanto, deve-se levar em consideração as recordações da infância de Amaro e Amélia que são apresentadas ao leitor por meio de importantes flash-backes. Por exemplo: no capítulo III, retrata a vida de Amaro da infância até o momento. No capítulo V, retrata a vida de Amélia.

A mensagem que o livro passa é a de critica à sociedade portuguesa que perdera os valores éticos, criticando principalmente a Igreja, que pregava uma ética e conduta moral de que a pessoa tinha que ser católica, ir sempre às missas, sempre se confessar, mas em compensação membros do clero não cumpriam a castidade, deixando-se levar pelas tentações da carne.

Outra mensagem passada é em relação ao naturalismo, que mostra o ser humano como um animal, que muitas vezes se deixa levar pelos seus instintos.

Esta obra é pertencente ao período literário do realismo/naturalismo que surgiu no início do século XIX e que, ao contrário do romantismo, não faz idealizações, mas era a

realidade da época, baseando-se no Positivismo e Determinismo. O Positivismo é uma ideologia que defende que a sociedade é conduzida pelas leis científicas e o Determinismo diz que o ser humano é influenciado fortemente pelo ambiente e sociedade em que vivem.

Eça de Queiroz, ao criar o padre Amaro, teve como principal influencia as ideias do filósofo Arthur Schopenhauer. Schopenhauer dizia que a humanidade é cegamente governada pelo desejo e pelo erro, além de estar sempre insatisfeita e ser infeliz, a infelicidade é que leva um homem a explorar outro. Essa exploração proporciona prazeres temporários a fim de disfarçar de si mesmo e da sociedade em que vive a dor que sente, portanto só chegará à felicidade quando não houver mais desejos, ambições e ganância. Enfim, é uma obra que mostra os valores da sociedade portuguesa, que estavam se perdendo.

O escritor que decide o destino dos seus personagens interroga o seu próprio destino. Como advogado, ele não foi bem sucedido, como escritor, já riam e ridicularizavam seus folhetins, agora havia um silêncio depois de *O Crime do Padre Amaro,* silêncio esse que só será quebrado depois *d'O Primo Basílio.*

Mas Eça de Queiroz está se modificando, deixando as tristezas, as decepções de lado, procurando achar seu caminho, “dentro de si próprio alarga-se o mundo ideal das coisas que valem; os recursos invulgares do seu espírito” (MARQUES, [1945?], p. 101).

2.2 O Mandarim

Eis que o autor entra numa nova fase. Parece que ter por base a realidade exterior e a verdade já não basta para suas ambições literárias. Então surge *O Mandarim,* logo após, *A Relíquia.* Examinemos alguns detalhes importantes. Eça de Queiroz consegue recriar uma China que jamais conheceu, que não foi vista com seus próprios olhos, mas a partir de informações colhidas em textos alheios, tanto é que, quem lê, não sente dificuldades em ver essa China, muito menos aqueles que lá já estiveram. Bem diferente do Eça da fase anterior, que privilegiava a observação objetiva e direta da realidade. A grande questão da obra é: será que o homem permaneceria virtuoso se tivesse a oportunidade de cometer um crime e a certeza de que ficaria impune? Mesmo no fantástico, Eça consegue pensar ou questionar a espiritualidade. Há um hiper texto constante com a Bíblia. O diálogo entre Teodoro e o diabo remonta ao diálogo da serpente com a Eva, onde surge a “primeira insurreição da justiça e ele é lançado das alturas à sua dura realidade, por se ter levantado contra Jeová” (QUEIROZ, 1995, p. 4-5), bem como o diálogo do diabo com Jesus Cristo.

Em O Mandarim, um homem é estimulado a matar um mandarim chinês à distância, com um simples toque de campainha, para ficar com toda sua riqueza, sem que ninguém saiba disso. Fala-lhe dos bens que estão à disposição dos afortunados: vinhos maravilhosos, carruagens, casa confortável, mulheres. Descreve-as no seu pormenor para que Teodoro possa visualizá-las no seu esplendor de beleza e sedução, assim como a serpente falou com Eva:

> A cobra era o animal mais esperto que o Deus Eterno havia feito. Ela perguntou à mulher: - É verdade que Deus mandou que vocês não comessem as frutas de nenhuma árvore do jardim? **2** A mulher respondeu: - Podemos comer as frutas de qualquer árvore, **3** menos a fruta da árvore que fica no meio do jardim. Deus nos disse que não devemos comer dessa fruta nem tocar nela. Se fizermos isso, morreremos. **4** Mas a cobra afirmou: - Vocês não morrerão coisa nenhuma! **5** Deus disse isso porque sabe que, quando vocês comerem a fruta dessa árvore, os seus olhos se abrirão; e vocês serão como Deus, conhecendo o bem e o mal. **6** A mulher viu que a árvore era bonita e que as suas frutas eram boas de se comer. E ela pensou como seria bom ter conhecimento. Aí apanhou uma fruta e comeu; e deu ao seu marido, e ele também comeu. (Gen. 3:1-6)

O Diabo seduziu Eva, mostrando-lhe como seria se ela comesse do fruto proibido, deu-lhe a entender que Deus estava tirando algo de bom deles, tal como saber o que é certo e o que é errado, podendo ser iguais a Ele. Disse que Deus estava mentindo e, sendo assim, não era um bom governante. O Diabo de *O Mandarim* dá a entender a Teodoro que ele está perdendo algo, que com vinte mil réis por mês ele não poderia ter todas as mordomias. E a maior das mordomias a que ele se refere são as Mulheres, mulheres com "m" maiúsculo porque são mulheres charmosas, especiais, sedutoras, perfumadas, que, segundo ele, constituem o *Fatal Feminino*. Continuou ainda a persuadi-lo, mostrando-lhe que poderia começar com cento e cinco ou cento e seis mil contos, que para quem ganha vinte, seria um bom começo, dando a entender que poderia ser mais, conquistando assim a felicidade. Depois argumentou que o Mandarim estava decrépito e inútil para Pequim e para a humanidade: "recolhe aqui um homem apodrecido e restitui-o além ao conjunto das formas como vegetal viçoso […] matar, meu filho, é quase sempre equilibrar as necessidades universais […] O assassino é um filantropo!" (QUEIROZ, 1995, p.4) Acena-lhe ainda com a possibilidade de dar um pontapé nos poderes públicos. Quem não quer ganhar na loteria e mandar o chefe, o emprego, os inimigos para o inferno e poder gozar da liberdade e conforto que o dinheiro dá!? E, para isto, basta apenas tocar a campainha. "Vamos, Teodoro, aí tem a campainha, seja um homem" (QUEIROZ, 1995, p. 4-5).

No entanto, vamos voltar um pouquinho na história e analisar Teodoro. O autor começa por apresentar como ele é, onde trabalha, onde mora, o que pensa. Teodoro diz que era ambicioso, isso porque ele mesmo está contando a história, e que não poderia negar o fato. Desejava poder jantar em um hotel magnífico, tomar champagne, dormir e acordar com uma

"Vénus". Era, segundo ele, alguém normal, positivo, sem grandes imaginações, aspirando ao que ele considerava "racional" ou tangível. No entanto, todas as noites ele pedia a Nossa Senhora das Dores para ajudá-lo e ainda comprava loterias, tudo na esperança, como "bom português", de que um dia poderia mudar de vida.

Procurava se distrair, lendo livros: "Uma noite, há anos, eu começara a ler, num desses in-fólios[1] vetustos[2], um capítulo intitulado *Brecha das Almas*" (QUEIROZ, 1995, p.3). Aqui deixa claro que a história já se passou há muito tempo e que ele está recordando. Deixa-se levar pela fantasia, pois descreve o livro que está lendo, chama a atenção de que não é qualquer livro, mas um muito antigo, parece importante e que podemos esperar muito dessa leitura, algo místico, anormal. Segue o que ele leu e ficou pasmado:

> No fundo da China existe um mandarim mais rico que todos os reis de que a fábula ou a história contam. Dele nada conheces, nem o nome, nem o semblante, nem a seda de que se veste. Para que tu herdes os seus cabedais infindáveis, basta que toques essa campainha, posta a teu lado, sobre um livro. Ele soltará apenas um suspiro, nesses confins da Mongólia. Será então um cadáver: e tu verás a teus pés mais ouro do que pode sonhar a ambição de um avaro. Tu, que me lês e és um homem mortal, tocarás tu a campainha? (QUEIROZ, 1995, p. 3)

"Homem mortal, tocarás tu a campainha?" Diz que as linhas fugiam, ondeando como cobras assustadas, cobras lembrando a serpente. "De uma lividez de pergaminho", os livros antigos eram escritos em pergaminho, principalmente os da Bíblia. Por que não os do diabo também? E a pergunta retumbava na sua mente: "tocarás tu a campainha?". Diz ainda que, se fosse qualquer outro livro, não daria importância, mas aquele era especial. No fragmento acima - "mais ouro do que pode sonhar a ambição de um avaro" -, o diabo dá a entender que conhece a personalidade de Teodoro e sua ambição. Eva também foi ambiciosa, queria ser como Deus. Ele sabe as vítimas que procura e a quem pode seduzir. Tem uma brecha e ele aparece, tal como o nome do livro: "Brecha das almas". Se Teodoro não é um homem espiritual, mas sim carnal, não poderia ser diferente: "no ponto de interrogação final eu via o pavoroso gancho com que o Tentador vai fisgando as almas que adormeceram sem se refugiar na inviolável cidadela da Oração!" (QUEIROZ, 1995, 3) Uma pessoa que não se comunica com Deus através da oração não o conhece, não se preocupa se Ele existe ou não, pois Teodoro acha que Deus não existe, assim como o Diabo, então está à deriva. Não questiona, não pergunta, não procura provas da existência de Deus, apesar de estar rodeado delas. Então ele deixa uma brecha. Ele tem quase a certeza imediata de que está falando com o Diabo, até

1 **In-fólio**, *adj*. Diz-se dum livro ou dum formato que tem a folha de impressão apenas dobrada em duas; *s.m.* Livro que tem esse formato. (Do lat. *in+foliu*.)

2 **Vetusto**, *adj*. Muito velho; antigo; deteriorado pelo tempo; respeitável por sua idade; venerável. (Do lat. *Vetustu.*)

as vírgulas lhe parecem petulantes, retorcidas como “rabos de diabinhos”. Teodoro lembra-se de uma outra passagem da bíblia, que praticamente todo cristão conhece:

> Depois o Diabo levou Jesus para um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e as suas grandezas **9** e disse: - Eu lhe darei tudo isto se você se ajoelhar e me adorar. **10** Jesus respondeu: - Vá embora, Satanás! As Escrituras Sagradas afirmam: “Adore o Senhor, o seu Deus, e sirva somente a ele.” (Mateus 4:8-10.)

Ele pensa que, se estivesse no lugar de Jesus, ele teria o mesmo comportamento, mas acredita ser a situação dele diferente, “são cento e tantos mil contos, oferecidos à luz de uma vela de estearina” (QUEIROZ, 1995, p. 5) Ele está em dúvida, imagina o mandarim morrendo, uma montanha de ouro cintilando aos seus pés e a campainha que estava sobre um dicionário francês. Passa deste momento da imaginação para a “realidade”, pois do outro lado da mesa alguém diz: “Vamos, Teodoro, meu amigo, estenda a mão, toque a campainha, seja um forte!” (QUEIROZ, 1995, p. 3) Então, ele não hesita e toca a campainha.

Depois de convencê-lo, o diabo retira-se. De início, parece que nada acontece. Mas depois ele aproveita-se da situação, do dinheiro, de poder usufruir tudo que o dinheiro pode dar: “O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba: olhando-a enfastiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitilhos da Aristocracia, negrejar a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar, de lábio abjecto a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro” (QUEIROZ, 1995, p. 9-10). Com isso, ele atrai para sí todo tipo de pessoas, que também são atraídas pelo dinheiro. Não conseguiu a felicidade. “E eu, no entanto, vivia triste...” A visão do mandarim começou a perturbá-lo, tirando-lhe a paz que ainda tinha. Queria matar o velho, mas o velho já estava morto. Ele o havia assassinado, mesmo que de longe. A sua memória o acusava. Pensa que, mesmo que se considere a vida e a morte como banais, não podemos tirar a vida de alguém. Tentava acalmar a consciência, mas não conseguia. Até que tem a ideia de ir à China, a fim de, quem sabe, desposar a mulher do mandarim a fim de restituir-lhe parte do dinheiro, ajudar no que fosse possível. O Diabo não prega prego sem estopa, dá com uma mão, mas tira com a outra e não tem como fugir. Imaginava ter a felicidade, alegrias, uma vida plena, mas o que realmente conseguiu foi a tristeza e o sofrimento. “O que eu sofria! - E era o tempo em que a populaça invejosa vinha pasmar para o meu palacete, comentando as felicidades inacessíveis que lá deviam habitar!” (QUEIROZ, 1995, p. 11).

Não terá o êxito desejado na sua viagem. Primeiro, será incansável na perseguição de um objetivo, reparar o erro ou mal feito. Mas depois irá esquecer do porquê foi até a China. Não ficará muito feliz quando lhe disserem que encontraram a família do morto. Será roubado

e terá de fugir para ganhar a sua própria vida. Terá saudades do tempo de miséria, da sua paz, do seu Portugal. Lega ao homens estas palavras: *"*Só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos; nunca mates o Mandarim*!"* (QUEIROZ, 1995, p. 29), ou seja, não desejes o que não te pertence. O autor ainda dá uma moral à história: *"*nenhum Mandarim ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses suprimir e herdar-lhe os milhões, ó leitor, criatura improvisada por Deus, obra má de má argila, meu semelhante e meu irmão!" (QUEIROZ, 1995, p. 29) . Ele está se referindo ao leitor, que todos nós descendemos do mesmo pó, da mesma matéria, herdamos essa tendência pecaminosa.

O autor não dará todas as respostas: por exemplo, se o Teodoro era tão sensível moralmente a ponto de não esquecer do seu ato impune, por que era um bacharel tão medíocre e conformado com um futuro restrito, limitado a um serviço público, sem grandes objetivos? Por que ficou insatisfeito com os prazeres que o dinheiro podia proporcionar-lhe? Parece que ele queria deixar no ar as perguntas e que o leitor buscasse as respostas dentro de sí mesmo. Nessa obra, Eça de Queiroz estava preocupado em demonstrar uma questão de ética ou moral: poderia um homem, sabendo que estaria livre de uma punição, matar alguém a fim de herdar seus milhões? Até que ponto uma pessoa pode transpor aquilo que ela acredita como sendo errado a fim de conseguir o que quer?

A questão principal d'O Mandarim é uma questão moral, não necessariamente espiritual. Sendo assim, o que essa obra tem a ver com o meu trabalho? Nela podemos observar que o autor, Eça de Queiroz, lia a Bíblia, a ponto de poder fazer uso desse conhecimento na história. Não uma simples citação, mas criar todo um diálogo, pinçando passos importantes e traçando um estilo semelhante, que demonstravam que não era uma leitura superficial, mas que ele a havia internalizado a ponto de transferir as características desejadas para a obra.

Depois de analisar este conto pitoresco e cheio de imaginação, vamos tentar ver como será o Eça no final da sua vida, quais serão as suas preocupações. Passou o arroubo da juventude, da imaginação, está casado, com filhos, com amigos, com um bom emprego. A tranquilidade que todos nós queremos. Como ele vê a vida agora? Acredito que a obra: "A Cidade e as Serras" mostra isso muito bem: um homem sereno, tranquilo e maduro.

2.3 A Cidade e As Serras

Esta obra faz parte da terceira fase literária do autor. A maturidade faz com que ele veja a vida com outros olhos, mais humano, um pouco mais indulgente, perdoando erros e vícios. Trata-se da história de Jacinto de Tormes, uma aristocrata que vive em Paris.

Autêntico refinado, adora a civilização. Compra tudo que é novidade mecânica do tempo, as melhores bebidas, as comidas mais sofisticadas. Concebeu uma ideia sobre a vida que “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado” (QUEIROZ, 1999, p.16). Mas é infeliz, doente dos nervos, cerca-se de amigos pedantes e entediados como ele, dedicado à leitura de autores pessimistas como Schopenhauer. Eça aproveita para retratar, na obra, o que também está acontecendo em Portugal. “O filósofo alemão Arthur Schopenhauer torna-se o guru dos intelectuais, com suas ideias acerca da dor, da inutilidade da existência” (GOMES, 2000, p. 20). O personagem só encontrará a felicidade quando estiver em comunhão com a natureza. A obra deixa questionamentos: o que é mais importante, a tecnologia ou a natureza? O que nos coloca mais próximos de Deus? Quanto tempo tiramos para pensar Nele? Muitas pessoas, quando estão próximas à natureza, sentem-se mais próximas de Deus. Parece que conseguem senti-lo, bem como encontrar a paz.

Eça, apesar de mais calmo e sereno, sem os arroubos da juventude, talvez cansado de lutar, diante de um Portugal que está mudando, à procura de novos ideais, novas inspirações, um outro jeito de ver a vida. Sendo influenciados por Schopenhauer, tanto ele como aqueles que aderiam ao realismo, estavam pessimistas quanto ao futuro, quanto a chegar à essência das coisas. Também a ciência e a filosofia, Antero de Quental e Proudhon levaram Eça de Queiroz à descrença absoluta. Todas as ilusões que ele tinha quando estava em Coimbra, de um mundo a ser descoberto, da vontade de mudar as coisas, da rebeldia da juventude, o vendaval da vida assolou. A terceira fase de Eça de Queiroz reveste um tranquilo conformismo, que não deixa de ser profundamente pessimista. É o homem que procura, acima de tudo, a paz do espírito e da alma.

Verifiquemos a visão de Jacinto sobre o mundo e a espiritualidade: Para ele, a visão a olho nu seria uma visão primitiva, onde veríamos o mundo superficialmente, mas com um binóculo teríamos uma visão elevada à sua máxima potência. Ele era considerado um civilizado, porque ele pode descobrir as realidades do universo a que o outro não tem acesso. Portanto, as pessoas deveriam se cercar da civilização para poder gozar ao máximo das vantagens de viver. Para ele, “civilização estava associada à imagem de uma enorme cidade, com todos os seus órgãos funcionando vigorosamente” (QUEIROZ, 1999, p. 19).

José Fernandes, seu amigo, não concorda com tal perspectiva, mas não quer tirar a segurança que o outro imagina que tem. Não acredita que se pode tirar uma vantagem espiritual ou temporal por distinguir, através do espaço, manchas num astro, ou o que tem dentro de uma mercearia, nem ser mais ou menos feliz por causa disso. A ideia que Jacinto tem de religião é de subserviência.

> - Que criação augusta, a da Cidade! Só pôr ela, Zé Fernandes, só pôr ela, pode o homem soberbamente afirmar a sua alma!...
> - Ó Jacinto, e a religião? Pois a religião não prova a alma?
>
> Ele encolhia os ombros. A religião! A religião é o desenvolvimento suntuoso de um instinto rudimentar, comum a todos os brutos, o terror. Um cão lambendo a mão do dono, de quem lhe vem o osso ou o chicote, já constitui toscamente um devoto, o consciente devoto, prostrado em rezas ante o Deus que distribui o Céu ou o Inferno!... Mas o telefone! O fonógrafo!
>
> - Aí tens tu, o fonógrafo, Zé Fernandes, me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de ser pensante e me separa do bicho. Acredita, não há senão a Cidade, Zé Fernandes, não há senão a Cidade!
>
> E depois (acrescentava) só a Cidade lhe dava a sensação, tão necessária à vida como o calor, da solidariedade humana. E no 202, quando considerava em redor, nas densas massas do casario de Paris, dois milhões de seres arquejando na obra da Civilização (para manter na natureza o domínio dos Jacintos!), sentia um sossego, um conchego, só comparáveis ao do peregrino, que, ao atravessar o deserto, se ergue no seu dromedário, e avista a longa fila da caravana marchando, cheia de lumes e de armas... (QUEIROZ, 1999, p. 19-20)

Como podemos observar neste fragmento, Jacinto adora a civilização, representada pelas coisas materiais, não consegue conceber a vida de outra maneira, deposita nela todas as suas esperanças. Para ele, a espiritualidade não existe, ou ele pensa que não. É um homem carnal, que pensa ser feliz ou completo apenas com coisas materiais. Pelo que se observa, não atrai bons amigos, porque o dinheiro atrai pessoas interesseiras, com exceção de José Fernandes, sendo que este não concorda com o Jacinto, mas está ali, como um bom ouvinte, fator indispensável a um bom amigo. As pessoas eram indispensáveis para ele manter o seu poderio, pois o que seria dele sem elas, como as cidades se manteriam? Fala em solidariedade, mas a que tipo de solidariedade ele se refere? Parece que é uma mão de uma via. Elas são solidárias a ele, mantendo-o neste patamar, 'ajudando-o' a obter estes equipamentos mecânicos, a quem ele atribuiu muito valor.

Quanto a ele dizer que até um cão pode ser um devoto a quem lhe dá um osso, um gremista ou colorado também pode ser devoto a um time, ganhando ou perdendo. Podemos ser devotos ao trabalho, devotos à diversão, devotos à moda instituída pela sociedade, devotos a um artista, como se fosse um deus, devotos a um partido. Os seres humanos têm essa necessidade espiritual latente, consciente ou não, manifestando-a de diversas formas.

Esse mesmo Jacinto que se sente tão seguro na cidade, no meio da civilização, no campo, treme diante da sua fragilidade e da sua solidão. Não há ninguém para tirar-lhe os obstáculos do caminho. Se estivesse morrendo de fome, nenhuma árvore carregada de frutos lhe estenderia galhos a fim de alimentá-lo. “Em meio da natureza, ele assistia à súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores” (QUEIROZ, 1999, p. 20). Logo que se afastava da cidade, ele se enchia de desconfiança e terror: “Sob cada torrão, da

sombra de cada pedra, receava o assalto de lacraus, de víboras, de formas rastejantes e viscosas. […] Não tolerava a familiaridade dos galhos que lhe roçassem a manga ou a face. Saltar uma sebe era para ele um ato[3] degradante que o retrogradava ao macaco inicial" (QUEIROZ, 1999, p. 21). Depois de uma semana rural, "só restava um estômago e por baixo um falo", necessitava urgentemente de entrar na cidade, a fim de "ressurgir reumanizado, de novo espiritual e jacíntico!" (QUEIROZ, 1999, p. 21).

Pobre Jacinto! Estava à idade de 23 anos. Ao retornar do campo, pediu ao amigo que o acompanhasse ao teatro das Variedades. Seu intuito era tirar o rumor importuno que lhe ficara do canto dos pássaros ao ouvir "os estribilhos de *Femme à Papa*" (QUEIROZ, 1999, p. 22). Portugal estava cheio de Jacintos. Hoje existem muitos Jacintos pelo mundo. Estes fragmentos serviram para ilustrar como era a personalidade do personagem, quanto ele gostava da cidade e se apavorava no campo.

Até agora vimos sobre Jacinto. Vamos verificar como é José Fernandes. Seu tio, Afonso, chama por ele, pois está muito velho e doente. A princípio ele censura severamente o tio, pois teria de largar os estudos. Mas fica pensando no passado, nas boas lembranças, e decide ir.

> Deitando uma acha ao lume, pensei como devia estar boa a sopa dourada da tia Vicência. Há quantos anos não a provava, nem o leitão assado, nem o arroz de forno da nossa casa! Com o tempo assim tão lindo, já as mimosas do nosso pátio vergariam sob os seus grandes cachos amarelos. Um pedaço de céu azul, do azul de Guiães, que outro não há tão lustroso e macio, entrou pelo quarto, alumiou, sobre a puída tristeza do tapete, relvas, ribeirinhos, malmequeres e flores de trevo de que meus olhos andavam aguados. E, pôr entre as bambinelas de sarja, passou um ar fino e forte e cheiroso de serra e de pinheiral.
> Assobiando o fado meigo tirei debaixo da cama a minha velha mala, e meti solicitamente entre calças e peúgas um Tratado de direito civil, para aprender enfim, nos vagares da aldeia, estendido sob a faia, as leis que regem os homens. Depois, nessa tarde, anunciei a Jacinto que partia para Guiães. O meu camarada recuou com um surdo gemido de espanto e piedade:
> - Para Guiães!...Ó Zé Fernandes, que horror! (QUEIROZ, 1999, p. 23)

Para José Fernandes (doravante vamos chamar apenas Zé), o campo traz boas lembranças, felicidade, alegria, pois fica até assobiando ao fazer a mala. Imagina como devem estar as flores, o céu, a relva, os ribeirinhos, as flores do campo e como pode aproveitar as horas vagas, estendido sob a faia, e ler seu livro sobre leis. Já ao fazer o comunicado ao Jacinto, este se horroriza.

Jacinto ficou fazendo-lhe mil e umas recomendações, disse-lhe: "leva uma poltrona! Leva a Enciclopédia Geral! Leva caixa de aspargos!..." (QUEIROZ, 1999, p. 23). Na hora da

3 Acto.

despedida, parecia um velório:

> Mas para o meu Jacinto, desde que assim me arrancavam da Cidade, eu era arbusto desarreigado que não reviverá. A mágoa com que me acompanhou ao comboio conviria excelentemente ao meu funeral. E quando fechou sobre mim a portinhola, gravemente, supremamente, como se cerra uma grade de sepultura, eu quase solucei – com saudades minhas (QUEIROZ, 1999, p. 23).

Observo no personagem Zé uma representação do autor Eça de Queiroz. Tão calmo, sereno, pensante, observador, aquele que vê os mínimos detalhes, que observa as reações das pessoas. Na nota final do livro, é mencionado que Eça se propunha a fazer uma análise da vida real, exatamente o que faz o personagem durante toda a história. Os pensamentos e ações de Jacinto eram permeados de receios, espantos, ilusões, desilusões, tédio, pessimismo. Tudo lhe parecia uma *maçada*, não tinha interesse pela vida. Nesta análise, Eça mostra um pouco de Paris, a grande cidade, das pessoas importantes, o que depois irá contrapor com Portugal. Portugal tem tudo, é descrito como o lugar mais lindo do mundo, com as melhores serras, as melhores cascatas, águas, céu, cheiros, mulheres, comida, tudo é melhor na sua terra. A terra dos outros tem o seu valor, mas não é melhor do que a sua terra.

Retomando o último fragmento, a palavra *Cidade* está com letra maiúscula. Acredito que seja para mostrar o quanto é importante a cidade para Jacinto e que é dela que Zé está saindo, como saindo para a morte, pois não há vida, segundo ele, fora dela. Além disso, 'A Cidade' está no singular, como se todas fossem iguais, como se fossem uma, enquanto que 'As Serras' são várias e singulares. Diferente de Jacinto, para Zé foram muito felizes os anos que ele passou no campo, pois disse: “por ali me passaram docemente sete anos, tão atarefados que nunca logrei abrir o Tratado de Direito Civil” (QUEIROZ, 1999, p. 24). Jacinto lhe escreveu poucas linhas, tão atarefado que estava no tumulto da civilização. Após a morte do tio, Zé retorna a Paris. Reencontrou Jacinto e ficou surpreso ao encontrar um elevador na casa deste, apesar da casa ter só dois andares:

> Mas dentro, no peristilo, logo me surpreendeu um elevador instalado pôr Jacinto – apesar do 202 ter somente dois andares, e ligados pôr uma escadaria tão doce que nunca ofendera a asma da Srª. D. Angelina! Espaçoso, tapetado, ele oferecia, para aquela jornada de sete segundos, confortos numerosos, um divã, uma pele de urso, um roteiro das ruas de Paris, prateleiras gradeadas com charutos e livros. Na antecâmera, onde desembarcamos, encontrei a temperatura macia e tépida duma tarde de Maio, em Guiães. Um criado, mais atento ao termômetro que um piloto à agulha, regulava destramente a boca dourada do calorífero. E perfumadores entre palmeiras, como num terraço santo de Benares, esparziam um vapor, aromatizando e salutarmente umedecendo aquele ar delicado e superfino.
> Eu murmurei, nas profundidades do meu assombrado ser:
> - Eis a Civilização!” (QUEIROZ, 1999, p. 26).

Mais uma vez este detalhe mostra o quanto Jacinto é diferente de Zé, também o quanto

ele adora a civilização, bem como tudo o que vem com ela. Se fosse nos dias de hoje, com certeza teria toda a tecnologia ao seu dispor, talvez até quisesse se congelar para voltar num tempo futuro, onde talvez tivesse a solução para a morte, assim ele poderia se perpetuar. Com certeza, teria as melhores máquinas, televisões, passeios, aviões, helicópteros. Conheces algum Jacinto? Não é difícil de saber da existência de um.

Jacinto havia mudado, estava mais velho, com rugas, calvo e corcova. Apesar de toda a tecnologia e de todo o conforto que ele tinha, não parecia feliz. Seus olhos já não faiscavam como antes. Dizia que "a humanidade está mal apetrechada" (QUEIROZ, 1999, p. 27).

O narrador começa a detalhar tudo que tem na casa, na sala, na biblioteca: "um majestoso armazém dos produtos do Raciocínio e da Imaginação! Ali jaziam mais de trinta mil volumes, e todos decerto essenciais a uma cultura humana" (QUEIROZ, 1999, p. 29), as facilidades das invenções, a mordomia da tecnologia, enfim. É um crescente de informações de que o Jacinto julga importantes, que vai chegar a um ápice. Na sua observação sobre a biblioteca, parece que há uma ironia, um sarcasmo: poderia alguém ler mais de trinta mil volumes? Seriam todos essenciais para uma vida satisfatória e feliz?"

Mais adiante, Zé se depara com muitos tipos de águas:

> (...) águas oxigenadas, águas carbonatadas, águas fosfatadas, águas esterilizadas, águas de sais, outras ainda, em garrafas bojudas, com tratados terapêuticos impressos em rótulos.
> - Santíssimo nome de Deus, Jacinto! Então és ainda o mesmo tremendo bebedor de água, hem?... Un aquatico! Como dizia o nosso poeta chileno, que andava a traduzir Klopstock.
> Ele derramou, pôr sobre toda aquela garrafaria encapuçada em metal, um olhar desconhecido:
> - Não... É pôr causa das águas da Cidade, contaminadas, atulhadas de micróbios... Mas ainda não encontrei uma boa água que me convenha, que me satisfaça... Até sofro sede (QUEIROZ, 1999, p. 34).

Este trecho mais uma vez mostra que Jacinto é um personagem que parece que tem tudo, mas não. A água da cidade, que é tão importante para ele, está contaminada. Ele sofre de sede, quem diria. E não é só isso, poderia dizer que tem fome, mas não, falta-lhe o apetite: " Eu não tenho nunca apetite, já há tempos... Já há anos" (QUEIROZ, 1999, p. 34). Mais uma vez chama atenção a frase que se repete: "Eis a Civilização", com C maiúsculo. O personagem Zé lembrou da sua Guiães, do atraso onde, desde há muito tempo:

> a alma das laranjas permanece ignorada e desaproveitada dentro dos gomos sumarentos, por todos aqueles pomares que ensombram e perfumam o vale, da Roqueirinha a Sandofim! Agora porém, bendito Deus, na convivência de um tão grande iniciado como Jacinto, eu compreenderia todas as finuras e todos os poderes da Civilização.
> E (melhor ainda para a minha ternura!) contemplaria a raridade de um homem que, concebendo uma ideia da Vida, a realiza – e através dela e por ela recolhe a felicidade perfeita. Bem se afirmara este Jacinto, na verdade, como Príncipe da Grã-Ventura! (QUEIROZ, 1999, p. 35)

Durante o jantar, ao saborear a sobremesa, que são, simplesmente, laranjas geladas em éter, o personagem lembra-se com carinho da sua Guiães, dos pomares que perfumam o vale, de outras plantas perfumadas. Em seguida, sarcasticamente, agradece a Deus por conhecer Jacinto e ser iniciado em compreender todas as finuras, bem como os poderes da Civilização, e, mais ainda, por contemplar a "felicidade perfeita" dele. Analisando Jacinto até o momento, percebemos nele um homem carnal. Como já mencionado, carnal não quer dizer que é do mal, mas que ele não pensa, não reflete, não age como um homem espiritual. Está preocupado com tudo o que é material, o que pode ser tocado, e não com questões espirituais.

Zé fica por um tempo na casa de Jacinto. Todas as manhãs, às nove horas, depois do café, ele encontra-se com Jacinto:

> Ele já estava banhado, barbeado, friccionado, envolto num roupão branco de pelo de cabra do Tibete, diante da sua mesa de *toilette*, toda de cristal (por causa dos micróbios) e atulhada com esses utensílios de tartaruga, marfim, prata, aço e madrepérola que o homem do século XIX necessita para não desfear o conjunto sumptuário da Civilização e manter nela o seu Tipo. As escovas sobretudo renovavam, cada dia, o meu regalo e o meu espanto – porque as havia largas como a roda maciça de um caso sabino; estreitas e mais recurvas que o alfange de um mouro; côncavas, em forma de telha aldeã; pontiagudas, em feitio de folha de hera; rijas que nem cerdas de javali; macias que nem penugem de rola! De todas, fielmente, como amo que não desdenha nenhum servo, se utilizava o meu Jacinto. E assim, em face ao espelho emoldurado de folhedos de prata, permanecia este Príncipe passando pelos sobre o seu pelo durante catorze minutos." (QUEIROZ, 1999, p. 36)

Note que ele que se espanta, porque o homem era calvo. Sendo assim, para que tantas escovas? Parece que o autor quer mostrar como andam muitas pessoas a se interessarem por minúcias, por detalhes, deixando coisas mais importantes de lado. Não é que não se possa aproveitar tudo o que o dinheiro pode comprar, o conforto, a mordomia, etc. Mas a vida não é só isso. Parece que falta algo na fórmula de Jacinto, "o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado" (QUEIROZ, 1999, p. 16), para que ele possa ser realmente feliz.

Por exemplo, quando eles eram jovens, saíam após o almoço, a pé, através de Paris, com rumo incerto, e Jacinto saboreava minuciosamente a Cidade. Agora, quando Jacinto estava mais desafogado e eles saíam, lhe davam uma impaciência e uma fadiga que destoavam do iluminado êxtase de outrora. Descobriu que, numa tarde em que foram ao Boulevard, o denso formigueiro humano e a torrente de trens o afligiam pela brutalidade da sua pressa e do seu egoísmo. Reclamava das ruas, "na nossa Civilização", não fossem devidamente calçadas, nem ficou contente ao ficar em frente "as lojas dourejadas e espelhadas, que ele outrora considerava como os 'preciosos museus do século XIX'..." (QUEIROZ, 1999, p. 40) Zé ficou impressionado pelo horror que ele sentia pela multidão.

Percebeu que o devoto da Cidade estava arrefecendo. Ainda para ter certeza, insistiu na fealdade de tristezas dos prédios em Paris, mas Jacinto apenas murmurou que era feio. Percebe-se que já não é mais o mesmo Jacinto. Ele não tem mais o mesmo conceito da Cidade, o mesmo apego, com o mesmo valor da Civilização que tinha antes. Ele tem amigos entediantes, numa vida cheia de tédio, não que ele ficasse reclamando, mas eram sinais visíveis. Veja o fragmento:

> eram apenas expressões saciadas; um gesto de repelir com rancor a importunidade das coisas; pôr vezes uma imobilidade determinada, de protesto, no fundo dum divã, de onde se não desenterrava, como para um repouso que desejasse eterno; depois os bocejos, os ocos bocejos com que sublinhava cada passo, continuado pôr fraqueza ou pôr dever iniludível; e sobretudo aquele murmurar que se tornara perene e natural – "Para que?" – "Não vale a pena!" – "Que maçada!..."
> Uma noite no meu quarto, descalçando as botas, consultei o Grilo:
> - Jacinto anda tão murcho, tão corcunda... Que será, Grilo?
> O venerando preto declarou com uma certeza imensa:
> - S. Exª. sofre de fartura.
> Era fartura! O meu Príncipe sentia abafadamente a fartura de Paris: - e na Cidade, na simbólica Cidade, fora de cuja vida culta e forte (como ele outrora gritava, iluminado) o homem do século XIX nunca poderia saborear plenamente a "delícia de viver", ele não encontrava agora forma de vida, espiritual ou social, que o interessasse, lhe valesse o esforço duma corrida curta numa tipoia fácil. Pobre Jacinto! […] Não se ocupara mais das suas Sociedades e Companhias, nem dos Telefones de Constantinopla, nem das Religiões Esotéricas, nem do Bazar Espiritualista […] Também lentamente se despegava de todas as suas convivências. As páginas da Agenda cor-de-rosa murcha andavam desafogadas e brancas. E se ainda cedia a um passeio de Mail-coach, ou a um convite para algum Castelo amigo dos arredores de Paris, era tão arrastadamente, com um esforço tão saturado ao enfiar o paletó leve, que me lembrava sempre um homem, depois de um gordo jantar de província, a estalar, que, pôr polidez ou em obediência a um dogma, devesse ainda comer uma lampreia de ovos! (QUEIROZ, 1999, 80-81)

Jacinto perdeu o objetivo, achava que a Civilização era tudo, mas não era. A consequência chegou, a desilusão, o desinteresse, como chega a todas as pessoas que tem tudo, mas não tem objetivo, a não ser o de manter o que ele tem. Esse homem não é completo. Para ajudá-lo, Zé Fernandes tenta convencê-lo a ir para o campo, mas ele responde: "Para o campo? O quê! Para o campo?!" (QUEIROZ, 1999, p. 82) Com este berro, Zé arrependeu-se de ter oferecido esta ideia Nem o gabinete verde, a biblioteca, onde havia acumulado Civilização nos seus mais de trinta mil volumes, nenhuma curiosidade, no meio de "todos os seu aparelhos reforçadores dos seus órgãos, e de todos os fios que disciplinavam ao seu serviço as Forças Universais, nada o estimulava. Exprimia na face e na indecisão mole de um bocejo, o embaraço de viver!" (QUEIROZ, 1999, p. 83).

Numa tarde, Zé consegue convencer Jacinto a ir até a Basílica. No caminho, Zé percebe que o amigo "sorri àquela liberdade e singeleza das coisas" (QUEIROZ, 1999, p. 85). Mas eles não têm grande interesse na Basílica, Jacinto vai até o terraço e fica olhando Paris do alto. O que ele vê? Vê uma cidade toda cinzenta, "com uma vasta e grossa camada de caliça e telha", (QUEIROZ, 1999, p. 85) esse era todo o vestígio que ele conseguia visualizar de sua

vida magnífica. Então, Zé chasqueia risonhamente. “Ei-la aí, belo Jacinto! Sobre a crosta cinzenta da Terra – uma camada de caliça, apenas mais cinzenta! […] de toda a estridente e radiante Civilização da Cidade não percebíamos nem um rumor nem um lampejo! […] onde estão os teus armazéns servidos por três mil caixeiros? E os bancos em que retine ouro universal?” (QUEIROZ, 1999, p. 85-86) E assim ele vai espicaçando o amigo. Se a cem metros de altura é isto que se enxerga, “como será então aos olhos de Deus!?” (QUEIROZ, 1999, p. 86). Diante disto, Jacinto pensa que tudo é uma ilusão. Segue abaixo um fragmento, onde Eça expõe seu pensamento, através do personagem Zé:

> Certamente, meu Príncipe, uma Ilusão! E a mais amarga, porque o Homem pensa ter na Cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria. Vê, Jacinto! Na Cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser ressequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto, de ossos moles como trapos, de nervos trêmulos como arames, com cangalhas, com chinós, com dentaduras de chumbo, sem sangue, sem febra, sem viço, torto, corcunda – esse ser em que Deus, espantado, mal pode reconhecer o seu esbelto e rijo e nobre Adão! Na Cidade findou a sua liberdade moral; cada manhã ela lhe impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependência; pobre e subalterno, a sua vida é um constante solicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; e rico e superior como um Jacinto, a Sociedade logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimônias, praxes, ritos, serviços mais disciplinares que os dum cárcere ou dum quartel... A sua tranquilidade […] Sumida para sempre, nessa batalha desesperada pelo pão, ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gozo, ou pela fugida rodela de ouro! Alegria como a haverá na Cidade para esses milhões de seres que tumultuam na arquejante ocupação de desejar – e que, nunca fartando o desejo, incessantemente padecem de desilusão, desesperança ou derrota? Os sentimentos mais genuinamente humanos logo na Cidade se desumanizam! […] As amizades nunca passam de alianças que o interesse, na hora inquieta da defesa ou na hora sôfrega do assalto, ata apressadamente com um cordel apressado, e que estalam ao menor embate da rivalidade ou do orgulho. […] Mas o que a cidade mais deteriora no homem é a Inteligência, porque ou lha arregimenta dentro da banalidade ou lha empurra para a extravagância. Nesta densa e pairante camada de Ideias e Fórmulas que constitui a atmosfera mental das Cidades, o homem que a respira, nela envolto, só pensa todos os pensamentos já pensados, só exprime todas as expressões já exprimidas: - ou então, para se destacar na pardacenta e chata Rotina e trepar ao frágil andaime da gloríola, inventa num gemente esforço, inchando o crânio, uma novidade disforme que espante e que detenha a multidão como um monstrengo numa feira. Todos, intelectualmente, são carneiros, trilhando o mesmo trilho, balando o mesmo balido, com o focinho pendido para a poeira onde pisam, em fila, as pegadas pisadas; - e alguns são macacos, saltando no topo de mastros vistosos, com esgares e cabriolas. […] – o homem aparece como uma criatura anti-humana, sem beleza, sem força, sem liberdade, sem riso, sem sentimento, e trazendo em si um espírito que é passivo como um escravo ou impudente como um Histrião... E aqui tem o belo Jacinto o que é a bela Cidade! (QUEIROZ, 1999, p. 86-87)

O autor consegue bem descrever aqui um homem carnal, que pensa que está à procura de algo, mas que, na realidade, está escravizado ao sistema. Não pensa, anda! Não questiona, aceita! Não vive, mofa! Ele mostra que alguns até gostam e desfrutam das alegrias deste sistema, mas são poucos. A maioria, a plebe, vive, dia após dia, com farrapos cobrindo-lhe o corpo, os homens labutando e as mulheres chorando, e, com esse sofrimento, se edificam as

Cidades. Existem muitas moradas, mas não para abrigá-los, há muitos estofos armazenados, mas não para agasalhá-los, há muito alimento, mas não para saciar-lhes a fome. “A tua Civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social” (QUEIROZ, 1999, p. 89). Por isso é necessário que a plebe pene, que sirva incessantemente, pois a sua miséria é “a condição do esplendor sereno da Cidade” (QUEIROZ, 1999, p. 89).

Salientamos que não é que ser homem carnal seja errado, mas que, somente sendo carnal, acaba-se por não se interessar pelo bem estar dos outros. O homem espiritual vai satisfazer as suas necessidades básicas, como todos, mas buscará objetivos na vida, buscará harmonia com Deus e com os homens. “Um povo chora de fome, e da fome dos seus pequeninos – para que os Jacintos, em Janeiro, debiquem, bocejando, sobre pratos de Saxe, morangos gelados em champanhe e avivados de um fio de éter!” (QUEIROZ, 1999, p. 89).

2.3.1 A Metamorfose de Jacinto

Eles ficam filosofando por um tempo:

> “Se ao menos essa ilusão da Cidade tornasse feliz a totalidade dos seres que a mantêm... Mas não! Só uma estreita e reluzente casta goza na cidade os gozos especiais que ela cria. O resto, a escura, imensa plebe, só nela sofre, e com sentimentos especiais que só nela existem!” (QUEIROZ, 1999, p. 88).

Jacinto não defende a cidade, parece que já não é mais o mesmo, não tem mais o mesmo brilho, mas também não está totalmente contra, está apático a tudo e a todos, parece que viver, ou não, dá no mesmo. Já está com 33 anos (o que lembra a idade de Cristo) e a “sua ocupação era bocejar” (QUEIROZ, 1999, p. 104).

Mas a vida evolui, e lá estava o protagonista empenhado em ler desde o “Eclesiastes” até Schopenhauer, pessimista em evidência em Portugal, que o autor traz para o plano da ficção. Aqui, o autor faz a comparação de que Schopenhauer é tão pessimista quanto o rei Salomão, mencionado na Bíblia. Não há nada de novo sob o sol, a não ser a eterna repetição das coisas e dos males, e tanto o bom como o mau em pó se tornam, tudo é efêmero e ilusão. Fala que este foi um período esplêndido e soberbamente divertido do tédio de Jacinto e que ele encontrara, enfim, uma ocupação, a de maldizer a vida! “Todo o seu movimento então foi o de um boi inconsciente que marcha sob a canga e o aguilhão. Já não esperava da vida contentamento – nem mesmo lastimava que ela lhe trouxesse tédio ou pena. 'Tudo é indiferente, Zé Fernandes!'”:

> Jacinto arrochava o nó da gravata branca – quando no lavatório, ou porque se rompesse o tubo, ou se dessoldasse a torneira, o jato de água a ferver rebentou furiosamente, fumegando e silvando. Uma névoa densa de vapor quente abafou as luzes – e, perdidos nela, sentíamos, pôr entre os grilos do escudeiro e do Grilo, o jorro devastador batendo os muros, esparrinhando uma chuva que escaldava. Sob os pés o tapete ensopado era uma lama ardente. E como se todas as forças da natureza, submetidas ao serviço de Jacinto, se agitassem, animadas pôr aquela rebelião da água – ouvimos roncos surdos no interior das paredes, e pelos fios dos lumes elétricos sulcam faíscas ameaçadoras! (QUEIROZ, 1999, p. 44)

Neste momento, via-se um Jacinto jovem e maravilhado com a civilização e com tudo o que vem com ela, mas começa a surgir um Jacinto cansado e completamente entediado. Vai haver uma transição na história do velho Jacinto para o novo, completamente diferente. Até o presente momento podemos verificar que ele é a representação de um homem sem mulher, sem filhos, sem objetivos específicos, que vive só para si e para o seu prazer, não se importando ou tomando conhecimento de outras questões. É um homem completamente carnal, sem preocupações espirituais. Para Eça, existia um número grande de pessoas jacínticas. Isto se percebe nesta obra e nas outras analisadas.

Certo dia, Jacinto levantou muito disposto e decidido a ir para Tormes, com a clara intenção de trasladar os ossos de seu avô, D. Galião, da Igreja de São José, onde estavam por bondade do abade, para a nova capela, já que as obras estão quase prontas. Sua intenção é de ficar apenas um mês, tempo suficiente para preparar tal cerimônia. Mas é claro ainda que o Jacinto é jacíntico. Observe a situação de Jacinto saindo de Paris, indo para a serra, longe da civilização. Eles preparam vinte e três caixas, contendo roupas, apetrechos, escovas, perfumes, muita tecnologia. “Escreveu ao Silvério mandando caiar, assoalhar, envidraçar o casarão”. (QUEIROZ, 1999, p. 114) Preparou também mais de trinta caixotes contendo mobílias, confortos, preciosidades, “camas de pena, banheiras de níquel, lâmpadas carcel, divãs profundos, cortinas para vedar as gretas rudes, tapetes para amaciar os soalhos broncos”, (QUEIROZ, 1999, p. 117) fornalhas, geleiras, bocais de trufas, latas de conservas, garrafas de água mineral, para-raios,... Jacinto maravilhado dizia: “Vê tu, Zé Fernandes, que facilidade!... Saímos do 202, chegamos à serra, encontramos o 202. Não há senão Paris!” (QUEIROZ, 1999, p. 117).

Há uma supervalorização da civilização. Portugal parece o fim do mundo, não tem nada, e Paris é tudo. Repetidamente, na obra, surge a frase: “Eis a Civilização!”, assim como “Não há senão Paris!”. Durante a viagem, vai criticar a Espanha, pois lá tudo dá errado [a velha rusga entre Portugal e Espanha]. Tantos preparativos, tanta preocupação e, no final das contas, vão perder tudo. Pensa que está tudo organizado, que terá cozinheiro de Paris, ou que cozinhe como tal, criados, pois só estava levando Grilo, um velho escudeiro preto por quem

conservava uma amizade pura, e Anatole, pois envernizava bem o calçado e tinha jeito como pedicuro. A viagem transcorre com chuva. Jacinto e Zé Fernandes ficam separados de Grilo e Anatole, consequentemente das malas, acabando por se perderem. De tudo que prepararam, ficam apenas com os jornais e alguns livros comprados na estação.

Em conversa, enquanto estão viajando, Jacinto demonstra sua preocupação: “As noites são horríveis, hem, Zé Fernandes? Tudo negro, enorme solidão... E médico?... Há médico?” (QUEIROZ, 1999, p125) Depois de tudo que mencionei, dá para imaginar como está o coração de Jacinto, deixando a civilização para trás e indo em direção do desconhecido. Quando perdem as malas, as mantas, o Grilo, ficam irados. “Jacinto ergueu os punhos, num furor que o engasgava: - Oh! Que serviço! Oh que canalhas!... Só em Espanha!...” (QUEIROZ, 1999, p. 127). Zé Fernandes fica muito feliz quando entra em Portugal: “era a minha terra!”, “- Então é Portugal, hem?... Cheira bem. - Está claro que cheira bem, animal!” (QUEIROZ, 1999, p. 129). É o único momento em que se percebe uma exaltação em Zé Fernandes, no mais ele é calmo, participa mais como um observador, narrando a história.

Ao chegarem à estação de Tormes, descobrem que não há nem caseiro, nem capataz, nem cavalos à sua espera. Conseguem uma égua ruça e um jumento para levá-los até a Quinta. No caminho ele vai descrevendo as belezas de Portugal e louvando o criador que as fez.

> Com que brilho e inspiração copiosa a compusera o divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem-amado! A grandeza igualava a graça. Para os vales, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, dum verde tão moço, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar... (QUEIROZ, 1999, p. 135).

Eça se preocupa em mostrar cada detalhe, os vales, os arvoredos, os pássaros, as flores, as fragrâncias, as rochas, os regatinhos, as oliveiras, os laranjais, o fumo, as vacas, os carneiros, enfim, cada detalhe. E diante desta beleza eles murmuravam: “Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava: - Que beleza! E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava: - Que beleza!” (QUEIROZ, 1999, p. 136). Diante da natureza tão bela sentiam-se felizes, calmos, esquecendo, por momentos, dos seus dissabores.

Ao chegarem, confirmam que os caixotes enviados de Paris não chegaram, eles nem têm conhecimento deles. Também não foram feitas as obras desejadas na casa, pois houve contratempos, cartas que não chegaram, enfim. Ao inspecionarem o casarão, ficam horrorizados com seu estado de inabitabilidade, apesar de a estrutura ser boa. Numa casa tão antiga, as janelas estavam sem vidraças, e o assoalho podre. Na última sala, a maior, “rasgada por seis janelas” (QUEIROZ, 1999, p. 138), largaram o que sobrou das vinte e três malas: o

paletó do Zé, a bengala de Jacinto e o Jornal do Comércio, que lhes era comum. Jacinto estava desanimado, sem resistência àquele desaparecimento de toda a Civilização! Mesmo assim, Jacinto admirava a paisagem, a paz que sentia naquele lugar. Ao avistar uma fontinha rústica, por onde corria um fio de água, teve sede. Logo ele que tinha todo tipo de água e não tomava a água de Paris porque estava contaminada. Assim, Eça vai fazendo o contraste da Civilização com a Serra, ou de Paris e Portugal.

Instalam-se, pensando Jacinto em ficar só uma noite, enquanto Zé iria para Guiães rever a família. No lugar que chamam de "nossa sala", sentados nos poiais das janelas, contemplam o doce crepúsculo:

> No alto tremeluzia uma estrelinha, a Vênus diamantina, lânguida anunciadora da noite e dos seus contentamentos. Jacinto nunca considerara demoradamente aquela estrela, de amorosa refulgência, que perpetua no nosso Céu católico a memória de Deusa incomparável: - nem assistira jamais, com a alma atenta, ao majestoso adormecer da Natureza. E este enegrecimento dos montes que se embuçam em sombra; os arvoredos emudecendo; cansados de sussurrar; o rebrilho dos casais mansamente apagado; o cobertor de névoa, sob que se acama e agasalha a frialdade dos vales; um toque sonolento de sino que rola pelas quebradas; o segregado cochichar das águas e das relvas escuras – eram para ele como iniciações. Daquela janela, aberta sobre as serras, entrevia uma outra vida, que não anda somente cheia do Homem e do tumulto da sua obra. E senti o meu amigo suspirar como quem enfim descansa (QUEIROZ, 1999, p. 142).

Quando é que Jacinto, na civilização, teria tempo para apreciar um crepúsculo ou admirar as estrelas? Agora "ele entrevia uma outra vida, que não anda somente cheia do homem e do tumulto da sua obra" (QUEIROZ, 1999, p. 142), via obras de outro criador que não ele. Parece que Jacinto, finalmente, descansa. Não quero dizer com isso que as pessoas que vivem nas cidades não possam também ter esta comunhão com Deus, com a natureza, mas que elas estão tão escravizadas e ocupadas dos seus afazeres que não tem tempo de pensar em outros assuntos, são para elas como perda de tempo admirar um por-do-sol, falta-lhes o tempo, o precioso tempo. Além deste detalhe do tempo, existe outro motivo para as pessoas nem lembrarem que a natureza existe:

> Na cidade (como notou Jacinto) nunca se olham, nem lembram os astros – pôr causa dos candeeiros de gás ou dos globos de eletricidade que os ofuscam. Pôr isso (como eu notei) nunca se entra nessa comunhão com o Universo que é a única glória e única consolação da vida. Mas na serra, sem prédios disformes de seis andares, sem a fumaraça que tapa Deus, sem os cuidados que, como pedaços de chumbo, puxam a alma para o pó rasteiro – um Jacinto, um Zé Fernandes, livres, bem jantados, fumando nos poiais duma janela, olham para os astros e os astros olham para eles. Uns, certamente, com olhos de sublime imobilidade ou de sublime indiferença. Mas outros curiosamente, ansiosamente, com uma luz que acena, uma luz que chama, como se tentassem, de tão longe, revelar os seus segredos, ou de tão longe compreender os nossos...
> -Ó Jacinto, que estrela é esta, aqui, tão viva, sobre o beiral do telhado?
> -Não sei... e aquela, Zé Fernandes, além, pôr cima do pinheiral?
> -Não sei (QUEIROZ, 1999, p. 145).

Quanto da criação de Deus notamos cada dia? Isso faz parte da espiritualidade. As maravilhas da criação deveriam despertar em nós os mesmos sentimentos expressos pelo salmista em “Ó Deus Eterno, tu tens feito tantas coisas e com sabedoria as fizeste. A terra está cheia das tuas criaturas” (Sal. 104:24), ou ainda “Louvem o seu poder, que se vê no céu! Louvem o Eterno pelas coisas grandiosas que tem feito! Louvem a sua imensa grandeza!” (Sal. 150:1,2) Cada dia, mais pessoas moram nas cidades onde as belezas da criação passam despercebidas ou não são devidamente apreciadas, pois há muita distração, muitos até ignoram estas obras criativas.

> Mas que nos importava que aquele astro além se chamasse Sírio e aquele outro Aldebara? Que lhes importava a eles que um de nós fosse Jacinto, outro Zé? Eles tão imensos, nós tão pequeninos, somos a obra da mesma Vontade. E todos, Uranos ou Lorenas de Noronha e Sande, constituímos modos diversos dum Ser único, e as nossas diversidades esparsas somam na mesma compacta Unidade. Moléculas do mesmo Todo, governadas pela mesma Lei, rolando para o mesmo Fim... Do astro ao homem, do homem à flor do trevo, da flor do trevo ao mar sonoro – tudo é o mesmo Corpo, onde circula, como um sangue, o mesmo Deus. […] devíamos considerar que, sobre cada um desses grãos de pó luminoso, existia uma criação, que incessantemente nasce, perece, renasce. […] Portanto todos nós, Habitantes dos Mundos, às janelas dos nossos casarões, além nos Saturnos, ou aqui na nossa Terrícula, constantemente perfazemos um ato sacrossanto que nos penetra e nos funde – que é sentirmos no Pensamento o núcleo comum das nossas modalidades, e portanto realizarmos um momento, dentro da Consciência, a Unidade do Universo! (QUEIROZ, 1999, p. 145-146).

Eis o Eça magistralmente pensante: “somos obras da mesma Vontade” é isso que inspira a nossa observação da criação de Deus, ficando assim mais próximos Dele. Agora vamos verificar outras mudanças, que são consequências de uma pessoa mais completa e em paz consigo mesma, ainda são poucas, mas visíveis. Chegou a hora do jantar, o que, para Jacinto, deve ser uma hora aterradora. Jantar ali, naquele lugar tão incivilizado, sem o seu cozinheiro especial:

> Na mesa, encostada ao muro denegrido, [...] sobre uma toalha de estopa, duas velas de sebo em castiçais de lata alumiavam grossos pratos de louça amarela, ladeados por colheres de estanho e por garfos de ferro. Os copos, de um vidro espesso, conservavam a sombra roxa do vinho que neles passara em fartos anos de fartas vindimas. […] Espetado na côdea de um imenso pão reluzia um imenso facalhão. […] Jacinto ocupou a sede ancestral – e durante momentos (de esgazeada ansiedade para o caseiro excelente) esfregou energicamente, com a ponta da toalha, o garfo negro, a fusca colher de estanho. Depois, desconfiado, provou o caldo, que era de galinha e rescendia. Provou – e levantou para mim, seu camarada de misérias, uns olhos que brilharam, surpreendidos […] está bom!” (QUEIROZ, 1999, p. 142-143).

Literalmente, Jacinto rapou avaramente a sopeira e ficou à espreita da porta, esperando pelo que mais poderia vir:

> e pousou sobre a mesa uma travessa a trasbordar de arroz com favas. Que desconsolo! Jacinto, em Paris, sempre abominava favas!... Tentou todavia uma

> garfada tímida – e de novo aqueles seus olhos, que o pessimismo enevoara, luziram, procurando os meus. Outra larga garfada, concentrada, com uma lentidão de frade que se regala. Depois um brado:
> - Ótimo!... Ah, destas favas, sim! Ó que fava! Que delícia! " (QUEIROZ, 1999, p. 143).

Estes dados mostram a diferença entre este Jacinto e o outro da cidade. Ele deveria sentir este mesmo prazer ao comer, quando estava em Paris, mas sentia fastio e uma fome de anos. Parece que tudo está relacionado ao modo como a pessoa se sente, como está seu espírito. Espírito com fome também fica triste e reflete esta tristeza em todo o seu ser, não importando se é rico ou pobre, bem ou mal sucedido. Em suma, espiritualidade tem a ver com qualidade de vida.

Apesar de estar se sentindo bem, os dois não tem roupas, as condições eram péssimas, sem escovas de dente, escovas de cabelo, camisas para trocar, chinelas, mas o benemérito Melchior, caseiro de Tormes, providenciou uns tamancos, uma camisa da comadre, de estopa, áspera e dura. Zé aproveita a situação e diz que "é só vestido de estamenha que se penetra no Paraíso" (QUEIROZ, 1999, p. 149).

Zé Fernandes, no outro dia, vai para Guiães e manda por um moço um saco contendo roupa branca, camisas e ceroulas, uma escova de dentes, esponja, frasco de água-de-colônia feita pela tia Vicência, um abotoador de botas, pós dos dentes, lima das unhas, tudo solicitações de Jacinto. Fica tranquilo em imaginar que o amigo, neste dia, iria embora para Paris, onde tudo se arranjaria, retornando mais tarde para a formalidade da traslação dos ossos. Mas, ao cabo de uma semana, surpreende-se do silêncio de Jacinto. Manda-lhe cartas pedindo notícias, mas nada. Já se passaram cinco semanas e ele descobre, acidentalmente, que Jacinto não foi embora, mas continua em Tormes. Lá encontra as janelas do solar rebrilhando, com vidraças novas, muito material de obra, escadas, caixotes: "Bem, pensei eu. "Eis a Civilização!"" (QUEIROZ, 1999, p. 154). Segue a descrição do novo Jacinto:

> Jacinto já não corcovava. Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhara um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilizava soberbamente. Dos olhos, que na Cidade andavam sempre tão crepusculares e desviados do Mundo, saltava agora um brilho de meio-dia, resoluto e largo, contente em se embeber na beleza das coisas. Até o bigode se lhe encrespara. E já não deslizava a mão desencantada sobre a face – mas batia com ela triunfalmente na coxa. Que sei? Era Jacinto novíssimo (QUEIROZ, 1999, p. 154-155).

Jacinto explica que, naquele dia, acordou, vestiu-se, mas "se sentira de repente como *desanuviado, desenvencilhado!"* (QUEIROZ, 1999, p. 155) Almoçara, passeara pela serra "com pensamentos ligeiros de liberdade e de paz" (QUEIROZ, 1999, p. 155). Mandou

comprar uma cama, uns cabides e ficou. Resolveu ficar enquanto houvesse “chouriços, e a água da fonte, bebida pela telha ou numa folha de couve, me souber tão divinamente!” (QUEIROZ, 1999, p. 155). Levantava cedo, pescava, em três semanas havia melhorado seu “palácio”, “tudo soalhado, envidraçado, caiado, encadeirado!” (QUEIROZ, 1999, p. 156), até ele havia pintado. A cozinha permanecia simples, mas muito limpa e ajeitada. Estava ágil, alegre, viçoso, vivo. Da Civilização ainda recebia jornais, mas não o “Fígaro” ou “Dois Mundos”, e sim jornais de agricultura. De repente, Jacinto na janela, batendo palmas e gritando; “Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!” (QUEIROZ, 1999, p. 157). Zé Fernandes, muito divertido, perguntava: “E as águas carbonatadas? E as fosfatadas? E as esterilizadas? E as sódicas?” (QUEIROZ, 1999, p. 157).

O próprio Jacinto percebe como sua vida era fútil e vazia. Lembra-se da quantidade de escova que ele tinha. Parece um fato corriqueiro e sem importância, mas são detalhes que mostram o comportamento das pessoas. Agora ele tem só uma escova, enquanto que antes ele tinha umas trinta, e não lhe bastavam. Ele diz: “Nunca em Paris andei bem penteado” (QUEIROZ, 1999, p. 158). Relembra também da sua biblioteca, com mais de setenta mil volumes: “Eram tantos que não li nenhum” (QUEIROZ, 1999, p. 158), as suas ocupações o haviam sobrecarregado tanto que ele nunca tinha sido útil. Observe, no fragmento a seguir, um pouco mais da sua mudança:

> Não me encontrara mais com Jacinto em meio da Natureza, desde o remoto dia de entremez em que ele tanto sofrera no sociável e policiado bosque de Montmorency. Ah, mas agora, com que segurança e idílico amor se movia através dessa Natureza, de onde andara tantos anos desviado pôr teoria e pôr hábito! Já não receava a humildade mortal das relvas; nem repelia como impertinente o roçar das ramagens; nem o silêncio dos altos o inquietava como um despovoamento do Universo. Era com delícias, com um consolado sentimento de estabilidade recuperada, que enterrava os grossos sapatos nas terras moles, como no seu elemento natural e paterno; sem razão, deixava os trilhos fáceis, para se embrenhar através de arbustos emaranhados, e receber na face a carícia das folhas tenras; sobre os outeiros, parava, imóvel, retendo os meus gestos e quase o meu hálito, para se embeber de silêncio e de paz; e duas vezes o surpreendi atento e sorrindo à beira dum regatinho palreiro, como se lhe escutasse a confidência... (QUEIROZ, 1999, p. 159).

Depois dessas façanhas idílicas, veio a vontade de criar, de plantar uma árvore, mas ele era ainda imediatista, queria semear, que a árvore crescesse, antes de ele voltar ao 202. Ao fim entendeu que tudo leva tempo, um eucalipto – seis anos, um carvalho – trinta anos, depois voltou sua atenção para uma criação de animais. De qualquer modo, sejam estas ou outras ideias, Jacinto estava apegado àquela terra:

> Jacinto lançara raízes, e rijas, e amorosas raízes na sua rude serra. Era realmente como se o tivessem plantado de estaca naquele antiquíssimo chão, de onde brotara a sua raça, e o antiquíssimo húmus refluísse e o penetrasse todo, e o andasse transformando num Jacinto rural, quase vegetal, tão do chão, e preso ao chão, como

> as árvores que ele tanto amava.
>
> E depois o que o prendia à serra era o ter nela encontrado o que na Cidade, apesar da sua sociabilidade, não encontrara nunca – dias tão cheios, tão deliciosamente ocupados, dum tão saboroso interesse, que sempre penetrava neles, como numa festa ou numa glória (QUEIROZ, 1999, p. 176).

Jacinto ainda vai sofrer mais uma mudança marcante. Isso acontece num dia de temporal. Como Melchior assegura que a chuva virá mais tarde, saem para ver uns castanheiros que estão velhos e roídos, ameaçando desabar. Não andaram muito e o céu enegreceu e a chuva desabou. Ventava muito, por isso procuraram um abrigo:

> E para lá rompemos, com a chuva a escorrer na cara, patinhando na lama, contorcidos, cambaleantes, atordoados no vendaval, que num instante alargara os campos, inchara os ribeiros, esboroava a terra dos socalcos, lançara num desespero todo o arvoredo, tornara a serra negra, bravamente agreste, hostil, inabitável.
> Quando enfim, debaixo do vasto guarda-chuva com que Silvério nos esperava à beira do campo, corremos para o alpendre, nos refugiamos naquele abrigo inesperado, a escorrer, a arquejar, o meu Príncipe, enxugando a face, enxugando o pescoço, murmurou, desfalecido:
> -Apre! que ferocidade!
> Parecia espantado daquela brusca, violenta cólera duma serra tão amável e acolhedora, que em dois meses, inalteradamente, só lhe oferecera doçura e sombra, e suaves céus, e quietas ramagens, e murmúrios discretos de ribeirinhos mansos.
> -Santo Deus! Vêm muitas vezes assim, estas borrascas?
> Imediatamente o Silvério aterrou o meu Príncipe:
> -Isto agora são brincadeiras de Verão, meu senhor! Mas há de V. Exª. ver no Inverno, se V. Exª se aguentar pôr cá! Então é cada temporal, que até parece que os montes estremecem! (QUEIROZ, 1999, p. 185-186)

Silvério gosta de Jacinto, mas desde que ele chegou só lhe trouxe mais atividades, tirando-o da vida pacata e tranquila. Acredita que pode fazer Jacinto desistir da ideia de ficar. Espera que ele venha de vez em quando visitar a quinta, mas ficar não. Ele fica contando de outros temporais em que teve de se abrigar na casa do Esgueira, que tinha uma mulher doente (na casa do Tio Esguelhas, no *Crime do Padre Amaro*, havia uma filha doente). Isso despertou a atenção de Jacinto. Ele ficou pensativo, depois retornou ao assunto. Não imaginava que as pessoas ficassem doentes neste chão. Silvério responde que o ar é bom, a água também, mas às vezes, as pessoas ficam doentes. Jacinto pergunta se não há médicos, farmácias. Ele responde que sim, mas que estas pessoas são pobres, tomara terem dinheiro para o pão, quanto mais para remédios. Ficou o silêncio. Zé Fernandes percebeu que reaparecera uma sombra triste dos dias passados, a sombra do 202, em Jacinto. Então surgiu um menino muito magro, todo amarelo, que ficou olhando-os com curiosidade e medo. Silvério o reconhece, pergunta pela sua mãe. Jacinto se interessa pelo que ele diz, pois não ouviu-o. Silvério diz que o menino é filho da mulher que ele havia mencionado antes, que filharada não lhe faltava. E que não está doente, mas que tem muita fome. Jacinto pula bruscamente e pergunta: “Fome? Então ele tem fome? Mas há aqui fome? Os seus olhos

rebrilhavam, num espanto comovido […] esperando a confirmação desta miséria insuspeitada" (QUEIROZ, 1999, p. 188). Ele tinha a doce ilusão de que estava no paraíso, de que tudo fluía muito bem, de que os males por lá não existiam, principalmente na sua terra. Então caiu-lhe a cortina.

Diante desta situação, Jacinto insiste em ver a casa e a tal mulher. Ele encontra uma miséria terrível de que ele não tinha conhecimento, ficando muito embaraçado. Então ele toma uma decisão: não quer mais estas misérias na quinta. Manda arrumar as casas que têm conserto, derrubar aquelas que não podem ser arrumadas e que sejam construídas outras em seu lugar. Também decide que devem ser comprados os remédios de que a mulher precisa, bem como o médico deve visitá-la até que ela melhore. Por último, manda que Silvério verifique o quanto eles ganham, os contratos que existem, para melhorá-los. No caminho eles conversam.

> -Não perdeste hoje o teu dia, Jacinto – disse eu, batendo, com uma ternura que não disfarcei, no ombro do meu amigo.
> - Que miséria, Zé Fernandes! eu nem sonhava... Haver pôr aí, à vista da minha casa, outras casas, onde crianças têm fome! É horrível.... (QUEIROZ, 1999, p. 194)

Zé Fernandes lembra de uma lenda que se encaixa bem em Jacinto:

> -Sabes o que eu estava pensando, Jacinto?... Que te aconteceu aquela lenda de Santo Ambrósio... Não, não era Santo Ambrósio... Nem me lembro o santo... Nem era ainda santo... apenas um cavaleiro pecador, que se enamorara duma mulher, pusera toda a sua alma nessa mulher, só pôr a avistar a distância na rua. Depois, uma tarde que a seguia, enlevado, ela entrou num portal de igreja, e aí, de repente, ergueu o véu, entreabriu o vestido, e mostrou ao pobre cavaleiro o seio roído pôr uma chaga! Tu também andavas namorado da serra, sem a conhecer, só pela sua beleza de Verão. E a serra, hoje, zás! De repente, descobre a sua grande úlcera... É talvez a tua preparação para S. Jacinto.
> Ele parou, pensativo, com os dedos nas cavas do colete:
> -É verdade! Vi a chaga! Mas enfim, esta, louvado seja Deus,é das que eu posso curar! Não desiludi o meu Príncipe. E ambos subimos alegremente a escadaria do casarão (QUEIROZ, 1999, p. 194).

O protagonista passa a ser visto pelos moradores como um benfeitor. Todos o admiram, o *senhor de Tormes*. E o tempo vai passando e ele vai ficando cada vez mais apegado ao lugar. Eis no que se transformou o 'nosso' Jacinto, em alguém melhor. Deixou de ser apenas um homem carnal, que vive a vida egoistamente, passando a enxergar a vida de outra maneira, inclusive ajudando os outros. "Ninguém é uma ilha" (Thomas More), quando ajudamos outros os benefícios aparecem, mesmo que não esperemos por eles. Jacinto tornou-se um homem espiritualizado e completo, um homem realizado e feliz. Mas ainda falta pensar um pouco no povo português, em relação ao que eles esperam: a vinda de um Jacinto ou de Dom Sebastião.

2.3.2 À espera de Sebastião – por que os portugueses continuam à espera de D. Sebastião?

> O Silvério já sustentava com espanto, e redobrado respeito, que o Sr. D. Jacinto em breve disporia de mais votos nas eleições que o Dr. Alípio. E eu próprio me impressionei, quando o Melchior me contou que o João Torrado, um velho singular daqueles sítios, de grandes barbas brancas, ervanário, vagamente alveitar, um pouco adivinho, morador misterioso duma cova no alto da serra, a todos afirmava que aquele senhor era El-Rei D. Sebastião, que voltara! (QUEIROZ, 1999, p. 201-202).

> -Pois aqui o tem, o senhor Jacinto, que corara, embaraçado.
> -Pois aqui o tem, o senhor de Tormes, que fez pôr aí todo esse bem à pobreza.
> O velho atirou para ele bruscamente o braço, que saía cabeludo e quase negro duma manga muito curta.
> -A mão!
> E quando Jacinto lha deu, depois de arrancar vivamente a luva, João Torrado longamente lha reteve com um sacudir lento e pensativo, murmurando: -Mão real, mão de dar, mão que vem de cima, mão já rara!
> Depois tomou o copo, que lhe oferecia o Torto, bebeu com imensa lentidão, limpou as barbas, deu um jeito à correia que lhe prendia a caixa de lata, e batendo com a ponta do cajado no chão:
> -Pois louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, que pôr aqui me trouxe, que não perdi o meu dia, e vi um homem!
> Eu então debrucei-me para ele, mais em confidência:
> -Mas, ó tio João, ouça cá! Sempre é certo você dizer pôr aí, pelos sítios, que El-Rei D. Sebastião voltara? (QUEIROZ, 1999, p. 223).

Muito se tem ouvido sobre o Sebastianismo que consiste na espera do povo português de um salvador, do encoberto, mais precisamente, na figura de El-Rei D. Sebastião, um rei que foi para a guerra na África e não retornou. Quando o governo, as instituições não resolvem seus problemas, o povo volta-se para o imaginário coletivo, ou seja, para o sebastianismo. Vamos entender um pouco mais.

Portugal foi um país pioneiro na aventura navegatória, sempre apoiado pelo Papado, nunca faltando a benção da Igreja nos seus empreendimentos lusitanos. Com o pretexto de expandir a palavra divina, arrebanhou muitos escravos negros e muitas terras. Além disso, Portugal, geograficamente, estava entre a Espanha e o mar – e o mar era de onde, tradicionalmente, tiravam riquezas, começando por aí sua odisseia de rapina.

Com as navegações, Portugal tornou-se um país, mas sua estrutura feudal se manteve mais ou menos intacta. Significa que o lucro do comércio de além-mar não teve como se transformar em capital produtivo para alavancar um verdadeiro desenvolvimento. Não tinham burguesia forte, sua produção interna era pequena e a sociedade pouco dinâmica, ainda marcada pelo carácter medieval. As camadas não-produtivas eram numerosas - a Corte e a Igreja. Eles sugaram o lucro das navegações e dos impérios coloniais. As riquezas do continente americano ou do comércio oriental serviram para manter e reforçar as estruturas arcaicas, feudais e parasitárias de Portugal. Serviram a um enriquecimento imediato e

fulgurante – mas enganoso e sem consistência, mantendo sociedades pobres, atrasadas e estagnadas. O que sobrou para essa classe pobre? A esperança de que tudo pode melhorar. Já dizia Jacinto Coelho (1977) que "o português é uma criatura instável, facilmente se entusiasma e facilmente se deprime, buscando um antídoto na fé messiânica".

Essa fé baseia-se, principalmente, no "messias", ou ungido, mencionado na Bíblia. É a esperança de um salvador para libertar o povo oprimido, estabelecendo seu reino e trazendo paz, justiça e liberdade. Na Bíblia, Jesus Cristo é apontado como messias, ou enviado de Deus, para cumprir uma missão aqui na terra. Quando aqui esteve, com a ajuda do espírito santo de Deus, realizou muitos milagres, curando doentes, ressuscitando mortos. Ensinou seus discípulos, foi um homem brando e de sentimentos profundos. Muitos o consideravam acessível e bondoso, inclusive as crianças. Era imparcial, odiava a injustiça e a corrupção. Numa época em que as mulheres não eram muito respeitadas e tinham poucos privilégios, Jesus tratou-as com dignidade. Foi genuinamente humilde e sensível às necessidades dos outros. Então, quando o povo português se sente abatido, deprimido, saudoso, acha antídoto na fé messiânica, como sendo a salvação dos seus problemas. Isso não era uma crença só do povo, mas também alguns que prezavam certo grau de cultura e erudição empenhavam-se em colecionar profecias, pois eram um povo muito fértil nesse sentido, sendo que alguns que se disseram sendo Dom Sebastião, quando desmascarados, foram executados.

Mas, como era El-Rei Dom Sebastião? Era uma figura bem diferente de Jesus Cristo, como mostra o fragmento a seguir:

> Uma figura estranha e trágica, esse D. Sebastião! Atrofiado na sua vida afectiva (o que talvez se explique pela falta de ternura maternal na sua meninice), treinava-se, desde cedo, em exercícios físicos (era óptimo cavaleiro e bom caçador) e ascéticos (era piedoso e casto). Destituído de qualquer realismo, andava alheio às grandes necessidades da nação, como também ao espírito da época em que a Europa acabava de entrar. Extraviado, vivia na Idade Média, e sonhava com actos de bravura cavaleiresca e com louros militares, sobrestimando as suas forças. Não se lhe pode negar certa grandeza e certo idealismo, mas essas boas qualidades eram comprometidas por grande dose de teimosia, fanatismo e egocentrismo" (BESSELAAR, 1987, P. 68-69).

Tão diferente do outro modelo, mas, com certeza, era português e pertencia a realeza. A sua teimosia e egocentrismo levou-o a um trágico fim, bem como da maioria dos que estavam com ele. Veja a seguir as consequência da ambição do jovem monarca:

> A 4 de agosto de 1578, o seu exército foi destruído nos campos de Alcácer-Quibir. D. Sebastião deixou aí a vida com 8000 dos seus homens, e uns 15000 caíram nas mãos dos Mouros. Foi provavelmente a maior catástrofe da história de Portugal. Milhares de mortos, outros milhares de cativos cujo resgate impôs sacrifícios pesados à nação; e – o pior de tudo – a coroa sem herdeiro (BESSELAAR, 1987, P. 69).

Entretanto, D. Sebastião foi reabilitado devido ao nacionalismo exacerbado do povo. Essa figura foi tornando-se popular no imaginário português, apesar de ser o grande responsável pela perda da independência. Mas, mais do que reabilitado, ele foi mitificado. Apesar de ele ter sido altivo, teimoso e imprudente em levar a nação às terras de Marrocos, não faltava certa grandeza à sua aventura. Observe:

> Ele era um herói para quem só contava a honra da cristandade e não motivos de ordem mesquinhamente utilitarista: *un chevalier sans peur el sans reproche*. A uma grande força física, aliava a sobriedade, a castidade, a piedade e a ascese -, virtudes que quadravam perfeitamente com o retrato do Encoberto […] assim foi nascendo a imagem de um D. Sebastião idealizado, pelo que podia tanto ser o herói de um romance de cavalaria, como a figura de uma hagiografia (BESSELAAR, 1987, P. 75-76)

Frei José Leonardo da Silva foi o último intelectual a propagar nas suas publicações a espera de D. Sebastião. Com ele morreu a velha crença, nos meios cultos, restando ainda o bandarrismo. Dizem que o sebastianismo morreu, mas acredito que ele sempre há de perdurar no imaginário coletivo, como um mito:

> Não porque alguém tivesse dado a prova cabal de que D. Sebastião morreu, mas porque a crença na sua vinda já não se compadecia com o conjunto das condições sociais e culturais que se foram introduzindo na sociedade portuguesa depois da Revolução de 1820. Tornava-se um assunto cada vez mais folclórico. Portugal passou a interpretar o seu destino histórico à luz de ideologias mais racionais, tais como o liberalismo, o socialismo, a democracia, etc., ideologias igualmente não destituídas de elementos míticos, mas geralmente bem disfarçados sob estruturas racionais. (BESSELAAR, 1987, P. 185)

O que podemos depreender é que as pessoas sempre tem a necessidade de acreditar, seja no que for, ao mesmo tempo em que elas querem se enquadrar no senso comum. Um sebastianista hoje não seria visto com bons olhos, então as pessoas trocam e depositam sua confiança em algo que seja mais a contento, não deixando, muitas vezes, de ser mítico. Mas ainda há aqueles que acreditam. Jacinto Coelho (1977) diz que o mais curioso é que, em pleno século XX, há portugueses que continuam a esperar por D. Sebastião, sendo que alguns acreditam ainda que a Lusitanidade ainda há de guiar o mundo.

No fragmento citado da obras *A Cidade e As Serras*, Jacinto fez todo bem aos pobres, pagou médico, moradia, dando-lhe condições de vida melhores, e alguns logo acreditaram que ele fosse Dom Sebastião. Mas Eça fala ainda mais um pouco sobre o sebastianismo, onde terminaremos essa parte, vejamos:

> E Jacinto pasmava de que ainda houvesse no reino um Sebastianista.
> -Todos o somos ainda em Portugal, Jacinto! Na serra ou na cidade cada um espera o seu D. Sebastião. Até a lotaria da Misericórdia é uma forma de Sebastianismo. Eu todas as manhãs, mesmo sem ser de nevoeiro, espreito, a ver se chega o meu.. Ou antes a minha, porque eu espero uma D. Sebastiana... E tu, felizardo?
> -Eu? Uma D. Sebastiana? Estou muito velho, Zé Fernandes... Sou o último Jacinto; Jacinto ponto final... Que casa é aquela com os dois torreões? (QUEIROZ, 1999, p. 224).

2.3.3. O que a espiritualidade tem a ver com o Sebastianismo

Nem todas as pessoas ficam a espera de D. Sebastião. Também, nem todas ficam a espera de alguém que resolva seus problemas. Mas, vivemos num mundo cada dia mais difícil com o aumento da criminalidade, da injustiça, da corrupção, do desemprego, da falta de condições de moradia adequada para muita gente, falta de alimento. Se eu continuar enumerando, serão muitas as mazelas. Mesmo que a maioria negue, não damos conta de tudo. No fundo, sentimos que precisamos de ajuda de alguém superior, sim, porque alguém igual a nós está na mesmíssima situação. Sendo assim, as pessoas se realizam com ideologias que consideram a solução, como super-heróis que resolvem facilmente todos os problemas, com votos, na esperança de que haja políticos honestos e que queiram tomar a peito a solução dos problemas. Às vezes, os problemas não são difíceis de resolver. Tem-se dito que há terra suficiente para plantar alimentos para todos. O que dificulta isso então? Não é o egoísmo humano? De início, Eça de Queiroz achava que não, que as instituições é que eram as responsáveis pelo que de ruim acontecia. Mas, ao longo da sua vida, ele percebeu que é da natureza do homem ser assim. Já Machado de Assis também concordava com ele. Eu diria que é da natureza imperfeita do homem ser assim.

Por isso, podemos entender porque o povo português esperava por um D. Sebastião. Além disso, isso está ligado a espiritualidade da pessoa. Ao desejo de crer em algo maior, divino, maravilhoso. Tanto é que eles idealizaram e mistificaram D. Sebastião, a fim de que ele entrasse nesse molde. É claro que os interesses do homem são muitos, mas um em especial é a sua necessidade espiritual, ou seja, necessidade de compreender o que está além daquilo que nós entendemos. Exatamente aí é que entra a espiritualidade e o sebastianismo, nessa esperança que o homem tem de alguém superior e divino resgatando-o de uma situação que ninguém mais consegue ajudar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já que era um romance de tese, era esperado que Eça procurasse explicar logicamente as atitudes do personagem Amaro, tendo uma infância basicamente rodeado de mulheres, sem a figura de um pai, pois ficou órfão cedo, logo depois convivendo com pessoas egoístas e ambiciosas, e, mais tarde, vivendo em Leiria, na companhia de outros com uma hipocrisia religiosa, tornou-se inescrupuloso. Em nenhum momento, esse personagem demonstra ter uma inclinação espiritual, preocupado com o bem estar do próximo, ele pensa só em si mesmo, todo o tempo. A Bíblia diz que "é da abundância do coração que a boca fala", eu poderia dizer que "é da abundância do coração que a mão escreve", pois o Eça está transbordando de espiritualidade e podemos observar isso em praticamente todas as obras, como foi mostrado neste trabalho, apesar de muitas vezes ele mesmo ter descrédito na religião. Eça de Queiroz também viveu em Leiria, por um ano, sendo observador, retratou o que viu.

O mesmo acontece no Mandarim, Eça expõe a ambição humana, o que o homem é capaz de fazer em troca de dinheiro. Dizem que "cada homem tem seu preço" e, nesta obra, Teodoro paga o preço, mas depois descobre que é muito caro. Ele tem um caráter superficial e esquece-se muito fácil de seus objetivos. Digo isso porque ele sente remorsos por ter matado o mandarim, então decide ir à China a fim de corrigir o mal, mas lá ocupa-se de outras atividades e é de má vontade que recebe a notícia de terem encontrado a família do mandarim. Não consegue aplacar a sua consciência e irá seguindo com esse peso. Sob forma de alegoria, Eça nos apresenta uma crítica social e moralista: "tocarás tu a campainha?", "nenhum Mandarim ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses suprimir e herdar-lhe os milhões, ó leitor, criatura improvisada por Deus, obra má de má argila, meu semelhante, meu irmão!" (QUEIROZ, 1995, p. 29). Quando estava em Havana, Eça teve de escolher em que lado ficar, se ficava do lado dos chineses, um povo imigrante à procura de emprego em outras terras, ou do lado do governo. Tinha de decidir se tocava a campainha ou não.

A Cidade e As Serras contém críticas ao sistema civilizado, ironia e humor. Nela, conseguimos perceber o homem Eça de Queiroz. Quando ele esteve em Tormes, na vida real, escreveu à sua esposa Emília falando que ainda não dava para a família ir para lá. Na carta, fala ainda que os caseiros habitam uns buracos negros, que são "verdadeiros covis onde mesmo gado estaria mal" (QUEIROZ, 1999, p. 29), tanto por culpa dos proprietários como também pela própria gente. Esses detalhes estão na obra. Como Eça era cônsul em Paris e ia para Portugal, ele observava a influência que a França exercia na vida das pessoas, na obra ele também mostra que a França pode estar em qualquer lugar.

Sendo assim, trazendo a realidade para a obra, também podemos deduzir que a espiritualidade que está registrada na mesma mostra a preocupação espiritual do autor.

Outro ponto que podemos observar é que, na primeira obra, Eça mostra com mais evidência a hipocrisia da classe religiosa. Assim como Gil Vicente, tenta mostrar, através do que escreve, a visão que ele tem dos portugueses, na esperança de que mudem. Como se fosse a obra um espelho da realidade, nos olhamos, vemos as imperfeições e tentamos arrumá-las. Já em *O Mandarim*, Eça apenas se reserva o direito de mostrar a ambição que ele percebe na vida urbana. Por fim, em *A Cidade e as Serras* ele consegue muito bem fazer um contraponto entre a civilização e as serras. A obra continua muito atual, pois poderia ser que ele estivesse observando a realidade hoje e observasse que as belezas da criação passam despercebidas e não são devidamente apreciadas por estarem as pessoas escravizadas a esse sistema, com trabalho, com afazeres, com televisão, com internet, com orkuts, com blogs, com festas, com estudo, com cursinhos, com academias, com idas à praia no verão. Em sua maioria, as pessoas não têm tempo para reflexões espirituais, para elas é perda de tempo. Mas como eu tentei mostrar, é uma questão de qualidade de vida. Outra observação é que Eça é muito detalhista, mas tudo se justifica, os detalhes explicam o personagem, suas características, o meio em que vive, suas mudanças de lugar ou de características. Assim, ao fazer descrições, ele revela a íntima relação que existe entre os aspectos físicos e os psicológicos.

Eça é sublime, com muito talento, uma intimidade com a pena que surpreende, e a sua descrição é uma arte. Suas obras permanecem com o mesmo valor, independente do tempo. Segundo ele, a arte é o que nos pinta a nossos próprios olhos – para condenar o que houver de mau na nossa sociedade. Ele acreditava nisso e transpôs seus pensamentos para as suas obras.

Concluindo, meu objetivo era mostrar que Eça de Queiroz tem um lado espiritual bem desenvolvido, o que pode ser observado por suas obras, refletindo nelas o seu eu interior. Pode-se dizer que, no final da sua vida, ele era um homem calmo, tranquilo, bem resolvido e feliz junto com a sua família. É triste pensar que a decadência moral de que tanto ele falava, hoje em dia está pior. Mas, ao mesmo tempo, não podemos dizer que ele não utilizou as armas que tinha para tentar fazer melhor. Ele amava a vida, por isso mesmo, falava do que ele achava que devia mudar, ou seja, o materialismo, a importância dos valores relativos em relação aos absolutos, a hipocrisia da religião e de seus representantes e a decadência moral. Ele presenciava a decadência de Portugal, que era um acontecimento irremediável, até os mais sonhadores a percebiam, por isso, nenhuma atitude de meio termo seria possível, lutar era sobreviver. Mesmo quando ele parecia mais destruidor, na verdade era uma luta para voltar ao que é natural, ou seja, retornar às linhas da tradição portuguesa. Com tantas qualidades, é impossível pensar que Eça fosse ficar apático à situação de Portugal.

Eça não tem um espírito anti-religioso, pelo contrário, à sua maneira perseguiu com constância e paixão os assuntos religiosos. Como foi observado, ele fazia constante diálogo com a Bíblia, bem como fazia uma crítica dos assuntos religiosos em praticamente todas as suas obras. Ele tinha um sentimentalismo religioso que explica a sua grande fascinação pelo cristianismo e também a sua incompreensão ante a realidade da doutrina do Cristo, ou seja, tudo que ele pregou, o amor, o perdão, a fé, o pudor, a religião, todo aquele evangelho anda pelo mundo modificado, aviltado, anda no esquecimento.

Procurei deixar clara a diferença entre um homem espiritual e um homem carnal, o espiritual tem a ver com o psicológico, com o emocional da pessoa, enquanto que o carnal tem a ver com as coisas físicas e materiais. Ser homem carnal não quer dizer, exatamente, ser do mal, mas que a sua espiritualidade não foi desenvolvida. Na questão do Sebastianismo, procurei deixar bem claro que, já que todos temos uma necessidade espiritual, os portugueses, nesse mito, lançam todas as suas esperanças de dias melhores. Como eu mencionei, todos temos essa necessidade espiritual que iremos, de uma forma ou de outra, satisfazer. Espero ter atingido o meu objetivo e contribuído com essa reflexão para os estudos ecianos.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA, Tradução na Linguagem de Hoje. Sociedade Bíblica do Brasil – São Paulo/SP, 1988.

BESSELAAR, José Van Den. **O sebastianismo** – história sumária. Ministério da Educação e Cultura, 1ª ed. Lisboa, 1987.

COELHO, Jacinto do Prado. **A originalidade da literatura portuguesa.** Venda Nova: Bertrand, 1977.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Martins Fontes, São Paulo, 1995.

ENCICLOPEDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo/SP: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1995.

GOMES, Álvaro Cardoso. **Eça de Queirós**: a ironia desnudando a sociedade. In: QUEIROZ, José Maria Eça de. *O crime do Padre Amaro*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEMOS, Antero Vieira. **Eça de Queiroz, o seu drama e a sua obra** – ensaio crítico. Livraria Latina, 1945. 266 p.

MAIA, João Domingues. **Língua, literatura e redação:** literatura realismo-naturalismo. Vol. 2. Editora Ática, 1989. p. 146-151.

MARQUES, Edgard. **Interpretação espiritual de Eça de Queiroz** – estudo biográfico. Guimarães & Cia, Lisboa, [1945?]. 242 P.

QUEIROZ, José Maria Eça de. 1846-1900. **A cidade e as serras.** Ed. Baseada nos manuscritos e na ed. de 1901. Lisboa: Livros do Brasil, 1999. 252 p.

QUEIROZ, José Maria Eça de. **O crime do padre amaro**. 11ª ed. Editora Ática, 2000. 358 p. (Série Bom Livro)

QUEIROZ, José Maria Eça de. **O mandarim**.pdf. 1880. 30 p. Disponível em: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br> Acesso em: 20 de novembro 2009.

SOLER, Elena Losada.: **Um tema do discurso anticlerical no romance realista-naturalista**: o poder da confissão. Veredas (Revista da Associação Internacional de Lusitanistas): Porto Alegre, dez. 2002. v. 5. p. 55

The New Encyclopædia Britannica (1974). Editora Encyclopaedia Britannica, Inc. Reino Unido.